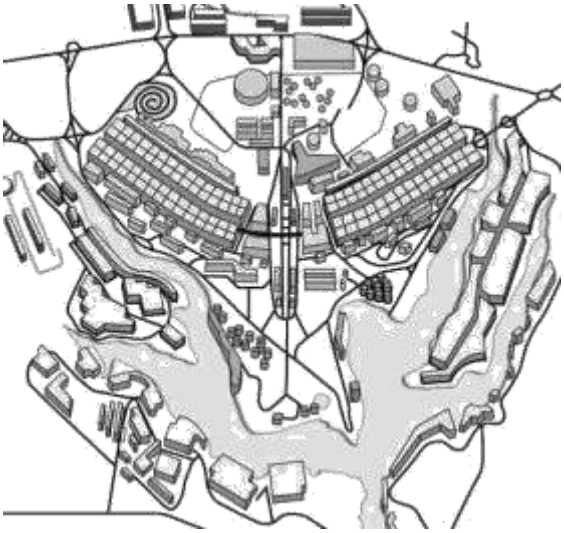
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
ARQUITETURA E URBANISMO

TEORIA DO URBANISMO



ANTONIO CASTELNOU

CURITIBA 2007

SUMÁRIO

01	Introdução	05
02	Cidade Antiga	09
03	Cidade Clássica	13
04	Cidade Muçulmana	19
05	Cidade Medieval	23
06	Cidade Renascentista	29
07	Cidade Colonial	35
08	Cidade Barroca	41
09	Cidade Iluminista	47
10	Cidade Industrial	53
11	Cidade Americana	57
12	Cidade Brasileira	63
13	Pré-Urbanismo	71
14	Urbanismo Moderno	77
15	Desurbanismo	83
16	Urbanismo Celebralista	89
17	Planejamento Urbano	93
18	Multidisciplinaridade	99
19	Desenho Urbano	105
20	Morfologia Urbana	109
21	Conservação Integrada	115
22	Urbanismo Pós-Moderno	123
23	Cidade do Futuro	129
24	Conclusões	135
Referências Bibliográficas		137

INTRODUÇÃO

Pode-se afirmar que foi somente em meados do século XIX, com as várias transformações decorrentes do processo de industrialização, que nasceram teorias de bases científicas sobre a questão urbana, embora a prática do **URBANISMO** seja bastante antiga, datando dos primórdios da humanidade.

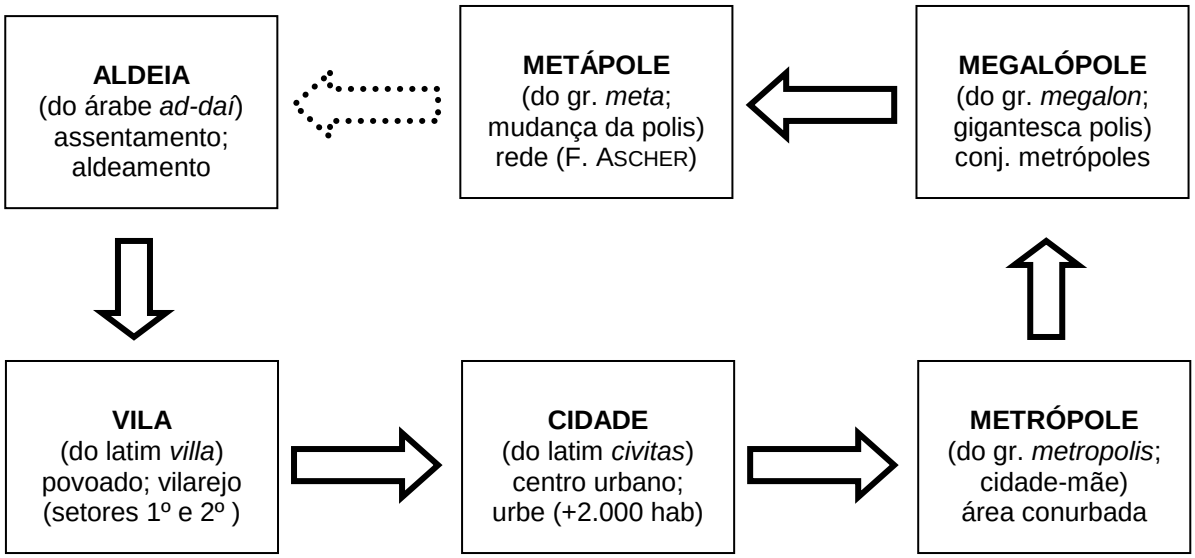
➔ Desde a Antiguidade, o homem viu o **ESPAÇO URBANO** como campo de intervenção, projetando cidades novas ou ainda fazendo modificações nos traçados das antigas. Porém, tais experiências eram fundamentadas somente em questões técnicas e estéticas, sem terem uma visão social, política e econômica ao se abordar o fenômeno.

Até então, o **URBANISMO** era visto somente como um conjunto de normas de composição arquitetônica, baseadas em critérios funcionais, construtivos ou estéticos; estes definidos em parte na Idade Antiga, como a planta ortogonal e zoneamento funcional; ou a partir do Renascimento, como a aplicação de eixos perspectivos e normas de composição geométrica (GOITIA, 2003).

Atualmente, a **CIDADE** é vista como uma entidade global, representando o ponto crítico das relações sociais, econômicas e políticas, as quais se expressam a partir de sua espacialização e que é etapa fundamental de um *processo histórico irreversível e dinâmico* (MUMFORD, 2001).

O ***Planejamento Urbano*** torna a cidade um objeto de estudo multidisciplinar, ou seja, da aplicação de conhecimentos históricos, sociológicos, econômicos, psicológicos e tecnológicos, entre outros, enquanto o ***Desenho Urbano*** é responsável pelas propostas projetuais (**configuração**) em nível físico-espacial.

➔ Historicamente, o surgimento das primeiras cidades coincidiu com o início da **CIVILIZAÇÃO** (*civitas* = 'cidade' em latim), o que representou o aparecimento de novos valores de identidade àqueles indivíduos que passaram a ser denominados de *cidadãos* (ou *civis*).



Estudar a **HISTÓRIA DAS CIDADES** é o mesmo que estudar a história da *civilização humana*, já que o homem passou a ser considerado civilizado somente quando começou a habitar em aglomerados urbanos, os quais se caracterizavam por sua maior densidade de ocupação e sua diferenciação espacial, além da forte dependência com o entorno próximo ou longínquo.

➔ **CIDADES** são lugares onde existe uma *divisão social do trabalho* por meio de atividades especializadas, cujas bases são econômicas (produção agrícola intensiva, extração de minerais, industrialização, trocas comerciais, prestação de serviços ou símbolos do poder temporal e/ou religioso). Atualmente, a metade da população do mundo mora em cidades. Para o ano 2025, esta cifra aumentará para 75%. O número de brasileiros vivendo em áreas urbanas, que hoje está em torno de 80%, chegará a 90% já em 2010.

A principal função da cidade é converter o poder em forma, a energia em cultura, a matéria inanimada em símbolos vivos de arte, e a reprodução biológica em criatividade social – LEWIS MUMFORD, em *The culture of cities* (1938).

Há mais de 10.000 anos atrás, no Mesolítico (entre o período paleolítico e neolítico), a população do mundo não passava de 5 a 8 milhões de habitantes. Inicialmente nômade, caçador e coletor de alimentos, o ser humano vivia em bandos formados por não mais que 50 indivíduos, que se abrigavam em cavernas ou construções provisórias

➔ A **REVOLUÇÃO AGRÍCOLA** teve início aproximadamente em 8000 a.C., na *Fase da Pedra Polida* ou *Barbárie* (Neolítico), caracterizando-se pelo surgimento do cultivo de grãos e pela domesticação de animais, processos que conduziram à sedentarização do homem e, finalmente, ao aparecimento das primeiras **ALDEIAS**, ou seja, um aglomerado uniforme de casas. Supõe-se que as primeiras aldeias agrícolas permanentes tenham surgido nas regiões do Oriente Médio e do Nordeste africano.

Os povos primitivos demonstraram acentuada predileção pela curva na construção e disposição de suas moradias (*choças*), resultando em aldeias geralmente circulares, tanto por questões práticas (proteção da comunidade por cercas ou paliçadas) como religiosas (fases cíclicas da natureza, o movimento circular de renovação da vida e a localização central dos rituais sagrados).

A configuração formal das primeiras aldeias revela as relações de parentesco (*clãs*), fator determinante na localização das moradias, assim como as interrelações do grupo, baseadas na propriedade comunal (GUIMARÃES, 2004).

➔ A **REVOLUÇÃO URBANA**, ou seja, a transformação das aldeias em cidades primitivas, ocorrida por volta de 4000-3500 a.C., não se deu por crescimento, mas sim pelo estabelecimento de um local aparelhado, mais diferenciado e privilegiado, que se tornou sede da autoridade de um grupo que passou a ser dominante em relação a outro (CHILDE, 1981).

Nas cidades primitivas, que apareceram junto à escrita, nasceram as indústrias e os serviços, que não eram mais executados pelas pessoas que cultivavam a terra, mas por outras, que passaram a ser mantidas pelas primeiras com o excedente acumulado do produto total.

➔ Nesse momento, surgiram também classes ligadas ao poder religioso e/ou temporal, que se tornaram os líderes espirituais e os nobres, os quais estabelecem leis e regras urbanas.

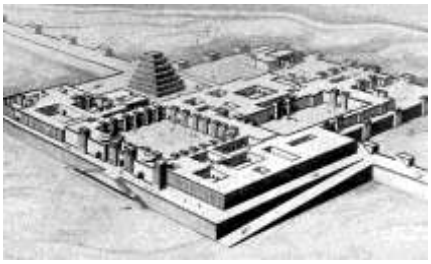
PRIMEIRAS CIDADES

Tradicionalmente, considera-se ***Jericó***, em Canaã (Cisjordânia), como a cidade mais antiga do mundo, datada de cerca de 8000 a.C. Contudo, a cidade original, muito citada na Bíblia, foi destruída e abandonada várias vezes. Restaram apenas algumas ruínas, desabitadas, como uma muralha que comprova se tratar de uma cidade de 2.000 a 3.000 habitantes. Com o tempo, o centro urbano foi se deslocando e a cidade atual encontra-se a 2 km de suas origens.

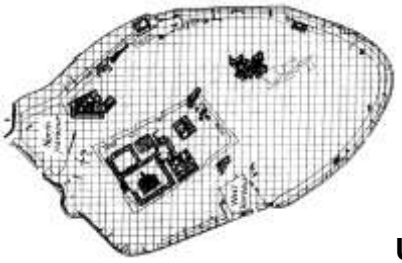
➔ A maior parte das cidades primitivas desenvolveram-se por volta de 4000 a.C., originadas de aldeias ao leste das montanhas sumerianas, entre os rios Tigres e Eufrates, no Oriente Médio. Lá também surgiram: *Nipur*, *Isin*, *Churupak*, *Uruk* e *Ur*, ao sul do atual Iraque. São igualmente antigas: *Ombos* (Egito), *Damasco* (Síria); *Byblos*, a 50 km de *Beirute* (Líbano); e *Sanaa* (Iêmen).

Essas cidades desenvolveram-se em vales de rios, o que garantia a fertilidade do solo, a facilidade de irrigação e a possibilidade de transporte, tornando-se centros simbólicos e locais para o comércio e fabricação de artefatos, além da prestação de serviços religiosos e militares (FERRARI, 1991).

As cidades primitivas eram geralmente unidades políticas independentes (*cidades-estado*), baseadas em uma organização familiar. Seus integrantes formavam associações de caráter restrito, moldadas em estruturas de consangüinidade. Dominavam extensas terras à sua volta e administravam seus negócios como nações independentes.



Na **MESOPOTÂMIA**, o excedente da produção agrícola acabou nas mãos dos governantes das cidades – representantes do deus local, que viviam em um palácio-fortaleza –, os quais administravam as riquezas e construíam benfeitorias, tais como templos religiosos (*ziggurat*), monumentos, armazéns e canais, além de muros circundantes que individualizavam toda a área urbana, defendendo-a de inimigos.



UR

Por volta de 3000 a.C., as cidades sumerianas já eram bastante grandes, distinguindo-se na sua aparência o conjunto emaranhado de casas comuns, feitas em barro, e os edifícios sagrados, de massa maior e mais elevada. ***Ur*** possuía cerca de 100 hectares e abrigava milhares habitantes, sendo protegida por uma muralha e um fosso. Seus terrenos eram divididos individualmente entre seus cidadãos, enquanto o campo (pomares e pastagens) era administrado em comum por conta das divindades.

➔ Somente a partir de 2000 a.C. que a Suméria encontrou alguma estabilidade com Sargão de Acad, o que possibilitou a fundação de novas cidades, onde a estrutura dominante não era o templo mas o palácio do rei. Como exemplos: *Khorsabad* (721-705 a.C.), cidade-palácio fundada por Sargão II, perto de *Nínive*; e, mais tarde, *Pasárgada* e *Persépolis*, dos reis persas. Com o fortalecimento do império, ocorreu a ampliação de capitais como *Nínive* e *Babilônia*, que se tornaram grandes metrópoles.

BABILÔNIA

Capital de Hamurabi, foi planificada por volta de 2000 a.C., tornando-se a maior cidade da Antigüidade, alcançando meio milhão de habitantes. Tendo sido destruída e reconstruída várias vezes, devido à sua importância como centro religioso, consistia basicamente em um grande retângulo de 1,5 x 2,5 km, dividido em duas metades pelo rio Eufrates.

A superfície contida pelos muros era de aproximadamente 400 hectares, havendo outro muro mais extenso (com 21, com 80 m de altura e 20 m de espessura, com 110 portões maciços de cobre) compreendendo quase o dobro da área. Foi traçada com regularidade geométrica, com ruas retas e de largura constante, desaparecendo a distinção entre os monumentos e as zonas habitadas pelas pessoas comuns (FERRARI,1991).

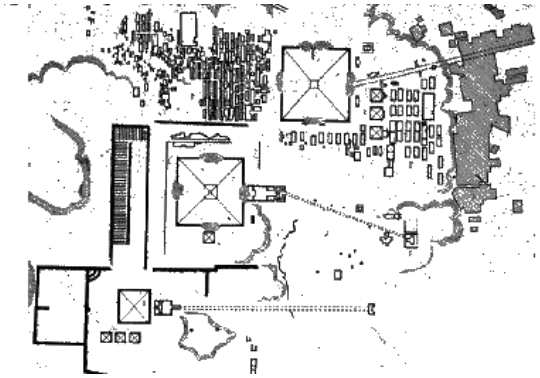
➔ *Babilônia* era formada por uma série de recintos, os mais externos abertos a todos e os mais internos reservados aos reis e sacerdotes. As casas particulares reproduziam em pequena escala a forma dos templos e palácios, com pátios internos e pequenos muros.

No **EGITO**, as primeiras cidades datam de 3500 a.C., e diferenciam-se das mesopotâmicas pelos seus vestígios terem desaparecido devido às enchentes anuais do rio Nilo. Sobraram como testemunhos do passado as construções em pedra dos grandes centros mais recentes, como *Menfis*, *Tebas* e *Cairo*.

➔ Os soberanos egípcios (*faraós*) não eram representantes de um deus, como os governantes sumerianos, mas eram eles mesmos os deuses, com poderes mágicos como os de controlarem as inundações do Nilo.

Absorvendo os poderes mágicos das divindades locais, os *faraós* tinham grande domínio sobre o território e recebiam muito mais excedentes que os dos sacerdotes asiáticos. Com isto, construíram grandes obras públicas, templos e cidades, além de sua tumba monumental, a *pirâmide* em pedra, símbolo da imortalidade (PEVSNER, 1988).

➔ Diferenciando-se da Suméria, os monumentos egípcios não formavam o centro da cidade, mas eram dispostos *de per si* como uma cidade independente, divina e eterna, construída em blocos de pedra, que dominava e tornava insignificante a cidade transitória dos homens, construída em tijolos, inclusive os palácios dos faraós no poder.



A **CIDADE DIVINA** do antigo Egito – a única sobrevivente nos dias de hoje – era uma cópia fiel da cidade humana, onde todos os personagens e objetos da vida cotidiana eram reproduzidos e mantidos imutáveis. Feita em pedra para permanecer imutável com o tempo e habitada pelos mortos, era feita para ser vista de longe e povoada de formas geométricas simples (prismas, pirâmides, obeliscos ou estátuas gigantescas).

➔ Os esforços em construir uma cópia perfeita e estável da vida humana acabaram consumindo recursos e, sob o Médio Império, em cerca de 2000 a.C., as duas cidades separadas tenderam a se unir em uma cidade única.

A capital do Médio Império, ***Tebas*** que em 1600 a.C. já possuía 250.000 habitantes –, era dividida em dois setores: o povoado à margem direita do Nilo, onde se destacam os templos de *Karnak* e de *Luxor* (*el-Aqsar*); e a necrópole nos vales da margem esquerda, onde estão as tumbas dos faraós.

2

CIDADE ANTIGA

Do VI ao IV século a.C., todo o Oriente Médio foi unificado pelo **IMPÉRIO PERSA**, que se estendeu do Egito até o Vale do Indo. Seu centro político concentrava-se na região onde atualmente se encontra o Irã. Durante esta fase, toda região gozou de um longo período de paz e administração uniforme, permitindo a circulação de homens, mercadorias e idéias de uma extremidade a outra (BENEVOLO, 2001).

➔ Na cidade-palácio monumental dos reis persas, ***Persépolis***, os modelos arquitetônicos dos vários países do império foram combinados entre si dentro de um rígido esquema cerimonial, marcado pela exatidão e pela ortogonalidade compositiva.

A religião persa tinha como livro sagrado o ***Avesta***, de autoria atribuída a Zoroastro – ou Zaratustra –, que dispensava templos e defendia uma crença na vida extraterrena e na imortalidade da alma.

A **CAPADÓCIA**, região localizada no planalto central da Turquia, cujo relevo acidentado foi esculpido pela ação da erosão e por atividades vulcânicas, possui peculiaridades representadas por uma intricada rede de cavernas que penetram dezenas de metros no interior da terra para formar verdadeiras *cidades subterrâneas*, as quais foram ocupadas pelos hititas, a partir de 2500 a.C.; e pelos persas, até a libertação por Alexandre, o Grande, em 334 a.C., os quais foram sucedidos pelos romanos.

Provavelmente criada por volta de 3000 a.C., a cidade de ***Mohenjo-Daro***, situada no Vale do Indo (Paquistão), possuía duas zonas distintas: a alta e a baixa, apresentando traçado mais regular do que se apresentava nas cidades primitivas. Identificam-se três ruas principais orientadas no sentido Norte-Sul e outra perpendicular a elas, que cortam um conjunto de pequenas ruelas que constituem núcleos mais primitivos.

➔ Seu traçado uniforme e as ruínas de construções em *ladrilho* (cerâmica artesanal) e *adobe* (tijolos de barro cru) apontam para uma civilização emergente, cuja cidade já apresentava preocupações com a pavimentação de ruas e com o escoamento das águas, assim como balneários públicos (GOITIA, 2003).

Eram estas as características das cidades antigas do Oriente Próximo:

a) Localização estratégica, derivada de condicionantes naturais (clima, fertilidade do solo, proximidade com rios, etc.) e da afirmação simbólica (sede de poder, de riqueza e de proteção militar);
b) Inexistência de um conceito unitário de planejamento urbano, resultando em uma planimetria irregular e um traçado espontâneo predominante;
c) Segregação nítida entre o recinto da cidade e o campo, devido à muralha, mas completa dependência entre ambos;
d) Apesar da variedade, os palácios, os templos e as principais moradias apresentavam forte configuração geométrica e simetria axial;
e) Imponência das edificações que representavam o poder e a presença de uma avenida monumental destinada a desfiles triunfais e cortejos religiosos.

No **EXTREMO ORIENTE** – que abrange a Índia, a Indochina, a China e o Japão –, a civilização urbana começou mais tarde do que a zona compreendida entre o Mediterrâneo e o Golfo Pérsico, por volta de 2000 a.C., isto devido a diferenças geográficas (territórios tropicais), opções econômicas de agricultura (plantações extensivas) e diretivas culturais (preceitos religiosos) (JELLICOE & JELLICOE, 1995).

➔ Essa região mais quente e úmida que a precedente, isolada do resto da Ásia pelo grande sistema montanhoso do Himalaia e regada por rios, bastante impetuosos e inconstantes, devido ao clima de monções, permitiu o estabelecimento de populações numerosas em planícies irrigáveis (favoráveis ao cultivo do arroz), circundadas por montes em que permaneceram habitantes incultos e nômades não-civilizados.

Tal organização econômica permitiu a formação de grandes Estados unitários, onde a classe dirigente era composta por aqueles que concentraram em suas mãos um enorme excedente que garantia as condições de sobrevivência. Estabeleceu-se um contraste fundamental: ao norte, as montanhas hostis e desconhecidas, de onde vinham ventos frios, animais selvagens e inimigos; e, ao sul, a planície cultivada, o mar e o calor.

Desde o início, a relação entre poder, prosperidade e virtude dominou a cultura oriental, que sempre buscou assegurar a paz e a harmonia social através da mediação entre os princípios opostos do **YIN** e do **YANG** (o frio e o calor, a sombra e a luz, o descanso e a atividade, etc.).

➔ Por esta razão, os assentamentos humanos orientais deveriam garantir o justo equilíbrio entre o norte e o sul, mantendo à distância os perigos do primeiro, refreando em canais as águas que desciam dos altiplanos e transformando-as em elemento de vida no sul.

No seu desenvolvimento geral, a **CIDADE ORIENTAL** tornou-se um posto dominante e de grande quantidade de significados utilitários e simbólicos, pois era a sede do poder e, logo, a mediação entre opostos, que regulava e representava todo o território.

No Extremo Oriente, a ordem latente do universo tornou-se uma ordem visível, geométrica e arquitetônica. Os eixos de simetria ligavam a cidade aos pontos cardeais (o "universo celeste"); os muros imprimem-lhe uma forma regular e a defendem dos inimigos; a multiplicidade dos espaços e dos edifícios revela a complexidade das funções civis e religiosas, com seu minucioso cerimonial (BENEVOLO, 2001).

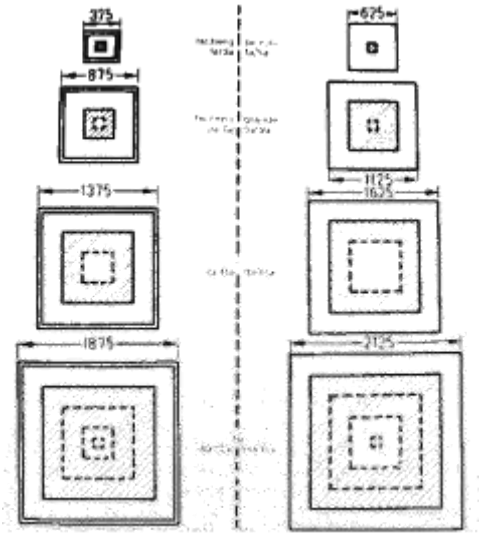
A **CIVILIZAÇÃO CHINESA** nasceu às margens dos rios Amarelo (*Huang-He*) e Azul (*Yang-Tsé-Kiang*), sendo sua tradição cultural codificada após a unificação do império no século III a.C., permanecendo substancialmente a mesma em toda a sua história, apesar das crises e das revoluções políticas e religiosas. Mesmo invasões como as dos mongóis no século XIII não interromperam a sua continuidade.

➔ As regras urbanísticas e de construção chinesas formaram-se na era *Chu* (1050-350 a.C.), sendo transmitidas até hoje. As cidades nasceram como *refúgio*, residência estável da classe dirigente (sacerdotes, guerreiros e técnicos) temporariamente capaz de acolher a população camponesa do distrito circundante (FERRARI, 1991).

As antigas cidades chinesas eram rigorosamente quadradas e compostas por dois cinturões de muros: um *interno*, que encerrava a cidade habitada; e um *externo*, que rodeava um espaço vazio de hortas e pomares.

➔ As regras foram descritas pelo literato chinês Meng-Tsi (372-289 a.C.), empregando a unidade de medida urbanística denominada *li*, correspondendo a cerca de 530 m.

Segundo sua grandeza, as cidades chinesas podiam ser de três categorias: ***tscheng*** (cujo cinturão interno teria perímetro de 1 *li* e externo de 3 *li*, podendo chegar a 7 *li*); ***ji*** (a intermediária, com cinturão interno de 7 *li* e externo de 11 *li*); e ***tu*** (com cinturão interno de 11 *li* e externo de 14 *li*) (BENEVOLO, 2001).

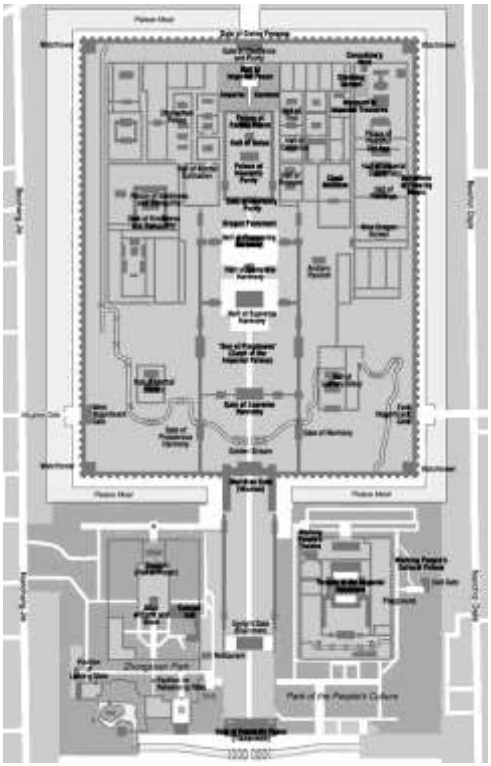


Os ambientes individuais ou coletivos da cidade chinesa conservavam sua forma regular e simétrica, mas o conjunto adquiria um aspecto irregular devido às características do local. O paisagismo tornava-se então o elemento vinculador.

➔ Tais regras repetiam-se tanto nos conjuntos monumentais (palácios do imperador, que era a suprema autoridade religiosa e civil) como nos edifícios e espaços para a vida privada, buscando a harmonia do ambiente cósmico.

Algumas capitais imperiais da China, como *Chang-Na*, *Hang-Chu* e *Beijing* (que recebeu vários nomes, como *Ki-Yen*, *Yen-King*, *Chung-Tu* e *Khan-Balik*, além de *Pequim*) chegaram a superar um milhão de habitantes.

A **CIDADE PROIBIDA**, situada na capital chinesa, foi a residência oficial de 24 imperadores das dinastias *Ming* e *Qing*, de 1420 até 1911. Rodeada por um largo canal e uma muralha de 10 m de altura, cuja extensão de 3,4 km encerra uma área de 720.000 m^2 (equivalente a 90 campos de futebol), este recinto reúne seis palácios e mais de 800 edifícios, perfazendo 9.999 aposentos antes freqüentados apenas pelo imperador, a família real e os funcionários palacianos.



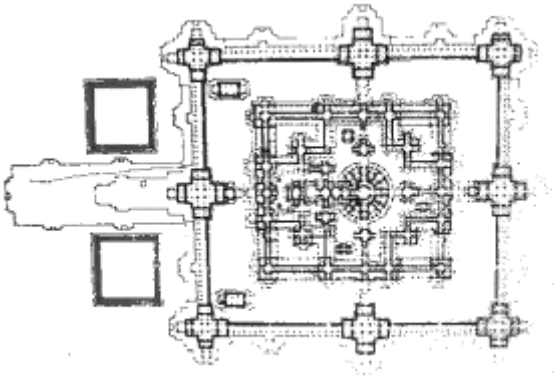
A espinha dorsal do complexo são dois conjuntos de três palácios no centro da estrutura predominantemente simétrica e cujo acesso principal se dá pelo *Portão Meridional* ou *da Paz Celestial*, com 34 m de altura e que conduz ao *Palácio da Suprema Harmonia*, local do trabalho do imperador e onde se celebravam as festividades reais, situando-se ali, em uma de suas 44 salas, o trono imperial.

➔ O *Portão da Divina Coragem*, no lado oposto à entrada principal, leva ao *Jardim Imperial* e a três palácios – *da Pureza Celestial*, *da Tranqüilidade Terrena* e *da União Celestial e Terrena* –, que eram usados como aposentos pela família imperial.

No **JAPÃO**, a falta de grandes espaços e de rios navegáveis excluiu inicialmente a existência de grandes cidades. Com a unificação do país, no final do século III a.C., surgiu a exigência de uma cidade capital, esta projetada segundo as regras rígidas dos antigos chineses.

➔ Do século VI ao VIII d.C., várias capitais (*Naniwa* ou *Osaka*, *Otsu*, *Fujiwara*, *Nara*, *Shigaraki*, *Nagaoka* e *Kyoto*) foram fundadas na região Yamato, no centro do Japão, segundo esse modelo caracterizado pela simetria e extrema ortogonalidade.

Na **ÍNDIA** antiga e medieval, todo artefato importante – desde o templo até a cidade – deveria corresponder ao ***mandala***, que exprimia a estrutura do universo e que assumia uma variedade muito grande de formas, desde o quadrado (o "palácio humano", cujas portas devem se abrir para os quatro pontos cardeais) até o círculo (o "ambiente cósmico").



TEMPLO DE BAYON, ANGKOR (CAMBOJA)

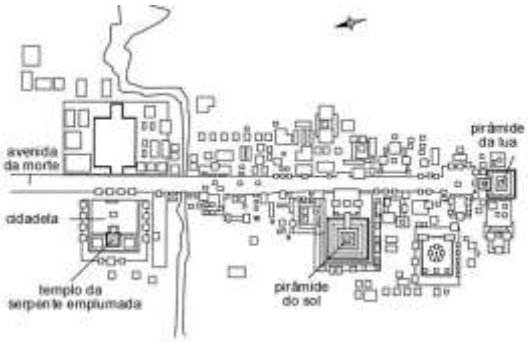
Na **AMÉRICA**, as civilizações pré-colombianas criaram grandes centros, cuja arquitetura em pedra era estritamente ligada ao culto religioso e determinada por cálculos matemáticos e astronômicos. Os monumentos (*pirâmides escalonadas*) eram erguidos em locais elevados e dispostos de modo rígido e ortogonal cujo enfileiramento simbolizava os níveis do universo (JORDAN, 1979).

➔ No México, a primeira civilização que se desenvolveu foi a **olmeca** que, de 1000 a 400 a.C. ocupou a Costa do Golfo e fundou cidades como *San Lorenzo* e *La Venta*, importantes centros políticos e religiosos que declinaram com a ascensão da civilização **zapoteca** e acabaram sendo parcialmente destruídos.

A maior cidade zapoteca foi ***Monte Albán***, criada no topo de uma montanha de 400m no Vale de Oaxaca, por volta de 500 a.C. De traçado regular e monumentos escalonados, controlava a vida cultural, religiosa e econômica da região, acabando por entrar em declínio com o poderio dos maias. Abandonada por volta de 800 d.C., foi ocupada pelo povo **misteca**, que a transformou em um local para suas cerimônias fúnebres.

Com a perda de influência de *Monte Albán*, a cidade-estado de *Mitla* e outros vilarejos passaram a disputar o poder, porém foi a cultura **maia** que acabou se transformando na civilização mais influente, cujo poderio estendeu-se de cerca de 200 a.C. a 900 d.C.

No **IMPÉRIO MAIA**, não havia propriamente cidades, mas centros de culto compostos por templos, palácios, observatórios, praças e campos de jogos. Os camponeses viviam em choças de palha que não sobreviveram.



➔ Sua maior metrópole, fundada em cerca de 200 a.C., foi ***Teotihuacán*** ("local onde os homens tornam-se deuses"), cujo apogeu ocorreu entre 400 e 500 d.C., atingindo 125.000 habitantes e influenciando uma vasta região até a atual Guatemala. Composta por templos, palácios e pirâmides, foi abandonada em 650 d.C., caracterizando-se por seu aspecto monumental e retilíneo.

O colapso maia foi seguido por uma fase de fragmentação e militarização, em que cidades-estado da cultura **tolteca** prosperaram, como *Cacaxtla* e *Xochicalco*, além de *Tula*, seu maior centro, com cerca de 40.000 habitantes e incendiado em 1100. Seu poderio foi sucedido por *Chichén Itzá*, mais tarde superada pelas vizinhas *Mayapán*, *Izamel* e outras da Península de Yucatán.

➔ O **asteca** foi o último império da Mesoamérica, prosperando até a chegada dos espanhóis. Em 1325, fundou ***Tenochtitlán*** em uma ilha do lago Texcoco, da qual se desenvolveu a *Cidade do México*.

No Peru, o **IMPÉRIO INCA** encontrou seu apogeu somente no século XV, período em que foi erguida sua maior cidade, ***Machu Picchu***, a 2.400 m de altitude.

3

CIDADE CLÁSSICA

A civilização grega foi precedida pela *cretense* (minuana) ou *egéia*, que surgiu a partir de 2000 a.C., quando foram fundadas diversas cidades na ilha de Creta e no sul da Grécia atual. Devido ao terreno acidentado composto por vales fragmentados, não se formou um Estado unificado, mas pequenas cidades-estado independentes que prosperaram graças ao comércio marítimo.

➔ As cidades cretenses tinham traçado irregular, com ruas em curvas de nível, pavimentadas e servidas por redes de água e esgoto. Não apresentavam muralhas e deram origem às primeiras cidades gregas (PEVSNER, 1988).

PALÁCIO DE CNOSSOS

Os maiores centros minoanos em Creta foram *Cnossos*, *Festo*, *Mália* e *Gournia*, nos quais era possível identificar a existência de uma praça pública, além de templos e palácios, estes decorados em afrescos de cores vivas com uma grande percepção da natureza.

Por volta de 1600 a.C., povos pastores indo-europeus – jônicos, aqueus e predominantemente dóricos – infiltraram-se na península Balcânica e acabaram invadindo Creta, em 1450 a.C., destruindo *Cnossos* e se estabelecendo como povo dominante.

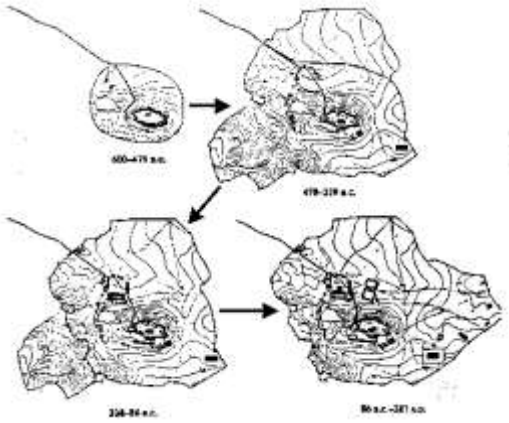
➔ Com a derrota do povo **egeu**, a civilização da Grécia continental entrou em decadência, ressurgindo somente vários séculos depois (GOITIA, 2003).

Pode-se dizer que, além das suas cidades conquistadas, a civilização egéia pouco influenciou na formação da grega, que emergiu no começo do século VIII a.C. do povo **micênico**, guerreiros que se instalaram na região após o declínio minuano, provenientes do Oriente Médio.

➔ A cultura grega derivou da civilização que tinha sua capital na cidade de *Micenas* (1600-1200 a.C.), acabando por ocupar toda a região da península Balcânica, as ilhas do mar Egeu e o litoral da Ásia menor. Seus períodos de evolução histórica foram:

- *Geométrico* (1200-700 a.C.)
- *Arcaico* (700-500 a.C.)
- *Pré-clássico* (500-450 a.C.), quando da conquista dos persas
- *Clássico* (450-200 a.C.)
- *Helênico* (200 a.C. até o Cristianismo)

Denomina-se **CLASSICISMO** o realismo nacionalista dos gregos, depois incorporado pelos romanos, em que a arte era tão importante quanto a ciência, ambas se importando acima de tudo com a harmonia, a unidade, a exatidão e a perfeição, orientadas essencialmente por uma filosofia que relacionava tudo ao homem.

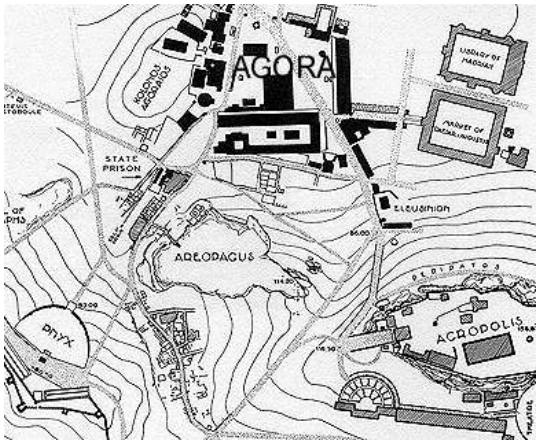


O núcleo da cidade grega (*polis*) era a **ACRÓPOLE**, um morro defensável, sem ser muito alto, que era uma praça forte que mantinha a vigilância sobre a cidade e seus campos cultivados, além de se constituir em refúgio e domicílio do rei nos tempos primitivos. No período clássico, passou a abrigar os templos ao invés dos palácios governantes e tornou-se o símbolo da vida democrática e igualdade dos cidadãos. O restante da cidade aglomerava-se em sua encosta

A mais popular e admirada das acrópoles foi a de ***Atenas***, em grande parte devido à sua liderança e enriquecimento após a guerra contra os persas, o que coincidiu com a era de Péricles na política; de Sócrates e Platão na filosofia; de Sófocles no drama; de Aristófanes na comédia; e de Ictino e Fídias nas artes.

➔ A acrópole ateniense é uma colina natural transformada em santuário já no período arcaico, cujos templos foram destruídos em 480 a.C. pelos persas. Com o restabelecimento da democracia, Péricles erigiu novos templos – o *Parthenon* (447-32 a.C.) e o *Erechtheum* (430-20 a.C.), além do *Propylaea* (437-32 a.C.), que funcionava como porta principal.

Os templos gregos não se destinavam ao uso ou habitação, mas eram voltados ao impacto visual, o que lhes conferia um lugar de visibilidade e evidência na estrutura urbana. Para isto, seu acesso era organizado em percursos sinuosos, com vistas de *escorço* (perspectiva) e em diferença de cota, em que se vai descobrindo o monumento de pontos inferiores, reforçando a monumentalidade



O centro da cidade baixa era a **ÁGORA**; praça do mercado, local de assembléia e encontro comunal, onde a população urbana se juntava. Com o passar do tempo, na passagem da aristocracia para a democracia, a ágora tornou-se enfim o núcleo cívico, restando à acrópole o papel de centro religioso e simbólico.

➔ Coração vivo da *polis* (cidade livre grega) e foco de toda a atividade cívica, a ágora era o cenário permanente da vida social, comercial, política, administrativa, legislativa, jurídica e religiosa da comunidade.

De formatos bastante variados – mas sempre se evitando a monumentalidade axial –, a **ágora** possuía prédios públicos articulados entre si, além de templos, pequenos santuários, chafarizes, esculturas e *stoas* (extensão coberta da ágora em colunata).

De modo geral, as cidades gregas tinham traçado irregular e eram cercadas por altas e majestosas muralhas, de cujo portão principal partia o caminho para a *ágora*. A *acrópole* erguia-se sobre um morro, em cuja encosta construía-se o teatro. Outros focos de atração espalhavam-se e algumas funções que necessitavam de muito espaço, como o *estadium* e o *gynansium* (centro educacional, cultural e atlético), situavam-se na periferia ou nos limites urbanos.

➔ As áreas residenciais eram modestas se comparadas ao tratamento dos lugares públicos, sendo seu tecido uniforme e ordenado sem pretensões tanto nos traçados regulares e repetitivos (*Miletus, Olynthus* e *Priene*) como nos irregulares (*Atenas*).

Antes mesmo do período clássico, em princípios do século V a.C., os gregos já tinham começado a dispor algumas **CIDADES-COLÔNIA** – como capitais para nações-estado ou substituição de cidades destruídas pelos persas e outros – em um plano organizado, com ruas que se cruzavam regularmente a ângulos retos. No século IV a.C., cidades cuidadosamente planejadas e espaços cívicos tinham se tornado a regra urbana na Grécia antiga.

Coube ao jônio **Hipódamos**, suposto reconstrutor de *Miletus* (c.479 a.C.) após sua destruição pelos persas, o princípio básico que norteava o planejamento das novas cidades gregas: a configuração ortogonal em "tabuleiro de xadrez", inclusive em terrenos acidentados, o que exigia o emprego de terraços (*altiplanos*).

Como regras básicas para a fundação de colônias gregas, como as de *Rodes*, *Agrigento*, *Pesto*, *Neapolis* e *Pompeii*, destacavam-se as seguintes idéias:

a) Ruas sempre traçadas em ângulo reto e de dimensões modestas, com poucas vias principais (largura de 5 a 10 m) no sentido do comprimento, que dividiriam a cidade em faixas paralelas, e um número maior de vias secundárias transversais (largura de 3 a 5 m);

b) Grade de quarteirões retangulares e uniformes, a qual poderia variar nos casos concretos para se adaptar ao terreno e às outras exigências particulares (a distância menor desses quarteirões – a distância entre as vias secundárias – deveria ser suficiente para uma ou duas casas individuais, ou seja, de 30-35 m; e a distância entre as vias principais deveria ser de 50 a 300 m);

c) As áreas especializadas, civis e religiosas, deveriam se adaptar à grade comum, sendo muitas vezes dispostas em um ou mais quarteirões normais (as ruas principais não entrariam nestas áreas, mas seriam a elas tangentes);

d) O perímetro da cidade – que não deveria ultrapassar 10.000 habitantes – não precisaria seguir uma figura regular, podendo os lotes terminarem de maneira irregular perto dos obstáculos naturais (montes e encostas);

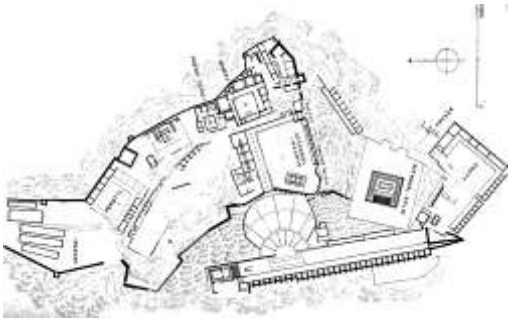
e) Os muros deveriam correr rentes aos lotes, unindo as alturas mais defensáveis, mesmo a uma certa distância do povoado, razão porque tinham costumeiramente um traçado mais irregular.

A constância da grade colonial grega, definida por Hipódamos, confirmava a **unidade** do organismo urbano e a **uniformidade** de todas as áreas e das propriedades particulares perante a regra comum, imposta pelo poder público. Tal **REGULARIDADE** não comprometia a hierarquia entre o homem e o mundo, pois permitia conceber, padronizar e/ou expandir uma cidade, mesmo grande.

O **HELENISMO** como forma de vida e cultura criou raízes e se propagou, especialmente pela sua adoção por povos de outras origens. Alexandre, o Grande, e seus sucessores criaram não só inúmeras colônias, como também grandes metrópoles que rivalizaram com as grandes capitais do Oriente.

➔ Supõe-se que ***Alexandria*** cobria uma superfície de até 900 hectares, sendo cercada por uma ampla área urbanizada que pode ter atingido de meio a um milhão de moradores. Até hoje ela mantém-se como importante centro econômico do Mediterrâneo.

Antioquia possuía de 200.000 a 300.000 habitantes, atingindo suas principais ruas, como em Alexandria, até 30 m de largura por 4 a 5 km de extensão. Já ***Pergamum*** era uma cidade secundária, embora seus monumentos distribuídos sobre um morro com mais de 250 m de desnível conformassem um esplêndido conjunto cenográfico.



PERGAMUM, TURQUIA

Os romanos foram os mais importantes de todos os conversos pela civilização helênica, a qual foi a maior responsável pela homogeneização de sua sociedade, cujas bases encontravam-se na **civilização etrusca**, surgida no século IX a.C., na costa tirrênica, e depois expandida para o interior entre os séculos VII e VI a.C.

Na Etrúria, existiam muitas cidades-estado (*Volterra*, *Arezzo*, *Cordona*, *Chiusi*, *Perugia*, etc.), governadas de modo aristocrático e unidas por uma liga religiosa. De traçado irregular e cercadas de muralhas, foram profundamente modificadas pelos romanos.

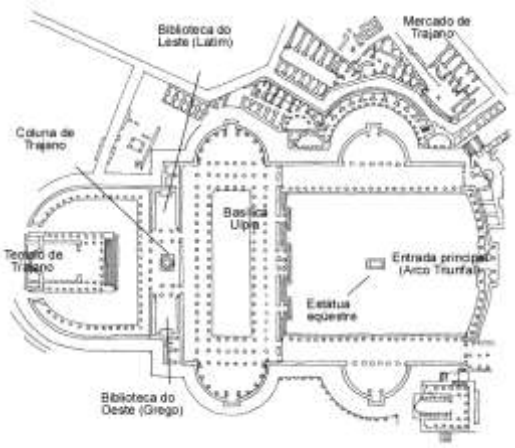
Encontra-se nos etruscos a origem de muitas regras romanas para o traçado de cidades novas – tanto *colônias latinas autônomas* (não soberanas) como *colônias militares* – devido à sua grande expansão territorial:

- *Inauguratio* (consultar os deuses para fundar novas cidades)
- *Limitatio* (traçar perímetros exteriores e interiores)
- *Consecratio* (celebrar sacrifícios na recém-fundada cidade)

A fundação de cidades-colônia romanas representava um ato político e a escolha de seu local era essencialmente de natureza prática, variando conforme as comunicações, a riqueza agrícola, o controle da travessia de um rio ou a existência de um porto natural.

➔ As novas cidades romanas (*castrum*) eram traçadas a partir de duas grandes vias (*Cardo Maximus* e *Decumanus Maximus*) que se cortavam em ângulo reto junto ao *forum* (BENEVOLO, 2001).

Da mesma forma, os traçados retilíneos das estradas principais serviam de linhas de referência para a divisão racional do território cultivável do Império (a *centuriatio*), onde este era atribuído aos colonos romanos ou latinos enviados aos territórios de conquista.



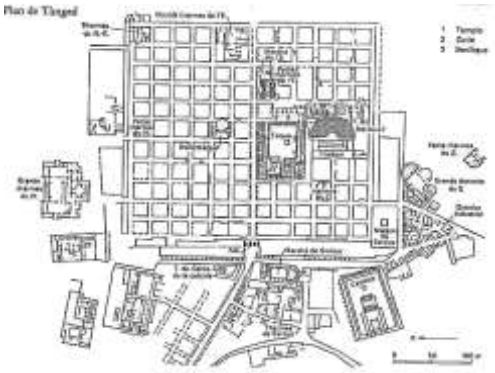
FORUM DE TRAJANO, ROMA

O **FORUM ROMANUM**, equivalente à ágora grega, passou por várias transformações, passando de certa irregularidade para uma preocupação cada vez maior com a simetria formal, a a perpendicularidade de eixos, a monumentalidade dos edifícios públicos e o fechamento de seu recito ao tráfego.

➔ Sua monumentalidade era enfatizada por plataformas elevadas, sobre as quais se construíam os prédios públicos, estes acessados por escadarias, compostas por vários *stylobatos* (NORBERG-SCHULZ, 1983).

A disposição regular e ortogonal dos *castrum* originou-se dos acampamentos romanos, que também se desenvolviam em forma quadrada, cujas vias principais partiam da tenda do general. Dando maior flexibilidade ao modelo grego, os romanos deram grande importância à orientação no planejamento urbano, atentando para a salubridade, a higiene e a exposição ao sol, aos ventos e à umidade do terreno, além da topografia.

➔ Outros critérios para a orientação das novas cidades eram o caimento (facilidade de drenagem), a travessia de uma estrada principal ou a testada para o mar. No plano das edificações, orientava-se para o sul (sol de inverno) os principais aposentos das moradias e para o leste os templos. O abastecimento de água dava-se por aquedutos e as ruas eram calçadas e pavimentadas (BENEVOLO, 1982).

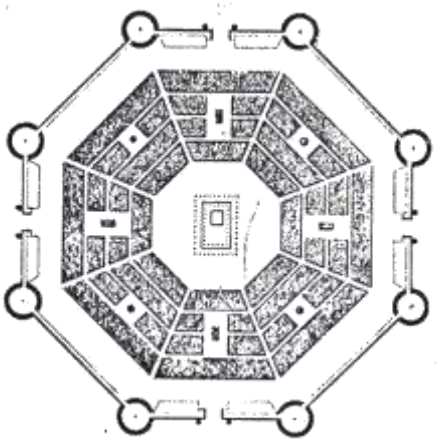


TIMBAG, ALGÉRIA

Destacaram-se as colônias romanas de ***Timbag***, situada na Argélia, *Aosta* (Itália), *Agrippina* (hoje *Köln* ou *Colônia*, Alemanha), além de *Venta Silvurum* (hoje *Caerwent*), *Chester*, *Silchester* e *Colchester* (Inglaterra).

MARCUS VITRUVIUS POLLIO (c. 90-20 a.C.) foi autor do primeiro tratado de arquitetura da história e responsável pela sistematização do pensamento clássico aplicado à construção, inclusive no que se refere às normas urbanísticas.

➔ Nos dez livros que compõem sua obra fundamental, *De architettura* (c.30-25 a.C.) – a qual foi "perdida" durante a Idade Média, "redescoberta" em 1412 e impressa "reformulada" em 1521 –, concebia a **CIDADE IDEAL** como aquela dotada de planta octogonal e rodeada de muralhas, por motivos não somente defensivos, como também meteorológicos, já que visava protegê-la dos ventos predominantes (BENEVOLO, 1981).



Posteriormente, as idéias de Vitrúvio influenciaram todos os arquitetos da Renascença; e seus escritos tornaram-se um verdadeiro texto sagrado àqueles que queriam basear seus projetos na antiguidade clássica. Partiu dele a inspiração para algumas soluções urbanas utópicas renascentistas, com plantas circulares e poligonais dentro das quais se situavam quarteirões em trama ou dispostos em linhas radiais.

ROMA

Surgiu como um pequeno povoado, situado entre os territórios ocupados pelos etruscos, sabinos, latinos e as colônias gregas localizadas ao sul da península itálica. Seu crescimento foi lento: de pequeno aglomerado em 754 a.C. até a maior metrópole do mundo antigo entre os séculos II e III d.C.

➔ Nascida estrategicamente à margem direita do rio Tibre (*Tevere*) em uma região com várias colinas – destacando-se os setes montes: *Caelius, Cispius, Oppius, Aventinus, Palatinus, Quirinalis* e *Viminalis* –, Roma era cercada por muralhas e tinha seu centro no *fórum*, o qual desempenhava as funções vinculadas ao sistema comercial legal e religioso do Estado, incluindo assembléias.

Dotada de um sistema eficaz de muralhas e aquedutos, além de grandes estruturas públicas (*circus maximus*, *campo marzio*, templos, teatros, anfiteatros, fóruns e termas), a cidade foi sucessivamente acrescida de melhorias pelos seus governantes como Cláudio e Júlio César.

➔ Durante toda a era republicana, de 508 a 44 a.C., Roma foi embelezada com novos edifícios e estruturas majestosas, voltadas a cortejos triunfais e festividades. A rede de esgotos, iniciada no século V a.C. foi continuamente ampliada, assim como os aquedutos, que chegaram ao total de 13 (1.000.000 m^3).

No primeiro século do Império, Roma cresceu de 400.000 para 1.200.000 habitantes (Séc. II d.C.). O reinado de Augusto, fundador do sistema imperial, estabeleceu um padrão de embelezamento da capital que acabou sendo seguido pelos imperadores subseqüentes, que fizeram uma série de reformas voltadas ao luxo e à grandiloqüência da cidade.

➔ Após o incêndio de 64 d.C., Nero (37-68 d.C.) alargou ruas, abriu praças e construiu novas edificações, inclusive a sua residência (*Domus Aurea*). Seus sucessores, os imperadores flávios – Vespasiano, Domiciano, Trajano e Adriano –, prosseguiram seus trabalhos e criaram novas estruturas, como a do anfiteatro *Coliseo* (78-80 d.C.).

Nesse período, Roma atinge seu máximo poderio, o que acaba se refletindo em seu aspecto físico e territorial. Paralelamente às construções públicas, desenvolve-se a construção de moradias – tanto as ***domus*** (casas individuais térreas ou assobradadas, agrupadas em torno do *atrium* e do *peristilum*) como as ***insulae*** (casas coletivas de vários andares, surgidas no século IV a.C., formadas por um térreo comercial, *tabernae*, com apartamentos superiores, *cenacula*).

➔ No início da era cristã, a cidade crescia congestionada e a rede viária tornou-se insuficiente. Surgiram problemas de moradia, limpeza e abastecimento. A decadência do Império Romano, iniciada após o reinado de Marco Aurélio (121-180 d.C.) conduziu ao seu colapso e ao progressivo desprestígio de Roma, cuja população diminuiu até 25.000 pessoas em plena Idade Média.

Em meados do século XV, quando Nápoles, Veneza e Florença já eram grandes cidades totalmente formadas, Roma ainda era um pequeno centro, abandonado e empobrecido pela longa ausência do poder papal. Sua paisagem citadina era dominada pelas ruínas antigas e igrejas do primeiro cristianismo; e seus habitantes – menos de 40.000 – concentravam-se nas duas planícies à margem do rio (*Campo Marzio* e *Trastevere*) em uma área de 1.300 hectares.

➔ A partir de 1420, com a volta dos papas e, especialmente no papado de Nicolaus V (1397-1455), começado em 1447, iniciou-se um programa de reconstrução da cidade imperial, onde se restaurou e recuperou benfeitorias e monumentos antigos (muros, ruas, pontes, aquedutos, basílicas e igrejas)

Iniciou-se a construção, nas proximidades de São Pedro, sobre a colina do ***Vaticano***, a citadela da corte papal, embora a cidade permanecesse secundária por todo o século XV. Entre 1471 e 1484, Sixtus IV (1414-84) empreendeu várias reconstruções e benfeitorias, inclusive iniciando a retificação de algumas vias no labirinto do conjunto habitacional medieval

CIDADE DO VATICANO

No fim do século XV, as atividades romanas de construção aumentaram para a preparação do Ano Santo de 1500, convocando-se grandes artistas renascentistas – como **Donato Bramante (1444-1515)**, **Michelangelo Buonarroti (1475-1564)** e **Rafael Sanzio (1483-1520)** –, os quais foram chamados sistematicamente a partir de Julius II (1443-1513), sobrinho de Sixtus IV, para conferir a Roma seu aspecto moderno. O tecido humilde e emaranhado acabou cortado sem hesitação, dando lugar a novas ruas retilíneas e edifícios regulares.

4

CIDADE MUÇULMANA

Desde finais do século II d.C., Roma vinha perdendo seu caráter de capital única, já que os tetrarcas, que compartilhavam a administração imperial com Diocleciano, residiam em outras cidades. Em 313 d.C., seu império acabou dividido em dois: o Ocidental, cuja capital passou a ser ***Ravenna***; e o Oriental, liderado por ***Bizâncio*** (mais tarde rebatizado como *Constantinopla*).

➔ ***Ravenna*** era uma cidade romana secundária, fundada entre os pântanos da Costa Adriática e transformada na nova capital ocidental por Honório em 402 d.C. Mais tarde, tornou-se a capital do reino ostrogodo e das províncias bizantinas da Itália.

Hoje um centro industrial italiano em ascensão, a cidade encontrou seu apogeu entre os séculos V e VI d.C., vinculando-se à sorte do domínio bizantino. Seus palácios reais e imperiais desapareceram, mas sobreviveram as igrejas, cujos exteriores carecem de ornamentação, mas os interiores são ricamente revestidos em mármore.

➔ ***Bizâncio*** era uma das cidades coloniais gregas mais importantes e ricas, fundada pelo explorador Bizas em cerca de 667 a.C. numa localização estratégica no estreito de Bósforo, na passagem entre os mares Negro e de Mármara, que se ligava ao Mediterrâneo e garantia sua expansão até virar uma cidade-estado independente (KOSTOF, 1991; JELLICOE & JELLICOE, 1995).

A cidade passou a ser chamada popularmente de ***Constantinopla*** quando, entre 324 e 330 d.C., Constantino fez uma série de intervenções para transformá-la na "Nova Roma", como a ampliação das muralhas, a abertura de um novo fórum e a reorganização da acrópole, do palácio imperial e do hipódromo. Seu sucessor Teodósio I continuou os trabalhos até o século IV d.C.

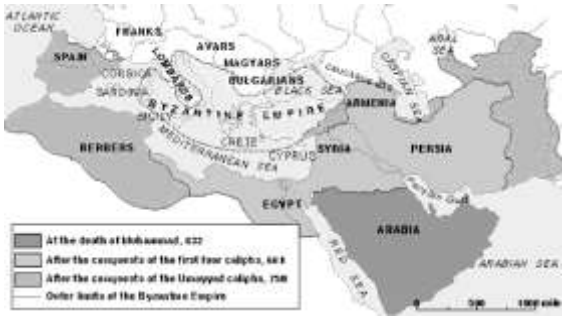
➔ Apesar da queda do *Império Romano do Ocidente*, em 476 d.C., a cidade permaneceu como o centro político e econômico da parte oriental, alcançando seu ápice no século VI d.C. com Justinianus I (483-565 d.C.), que levou o poder bizantino à sua maior extensão, incluindo Síria, Palestina, Ásia Menor, Grécia, os Bálcãs, Itália, sul da Espanha e territórios do norte da África, inclusive o Egito (BENEVOLO, 2001).

Aprimorada e embelezada por cerca de 1000 anos, Constantinopla foi sempre cercada de inimigos, tendo sido sitiada por eslavos, árabes, búlgaros, persas e russos, caindo para os otomanos (turcos) em 1453 d.C., quando passou a se chamar ***Istambul***.

Com o esfacelamento do poderio romano e início da Idade Média, a unidade do mundo mediterrânico foi interrompida, intensificando-se a expansão da **CIVILIZAÇÃO ISLÂMICA**. Os árabes invadiram as costas do Mediterrâneo a partir da metade do século VII d.C. e apoderaram-se de várias áreas urbanizadas do Oriente helenístico, como ***Alexandria***, ***Antioquia***, ***Tesifo***, ***Damasco*** e ***Jerusalém***, entre outras cidades.

➔ ***Damasco***, situada na atual Síria, foi a primeira capital dos califas Omíadas, de 660 a 750, em cujo recinto sagrado foi construída a primeira *mesquita* do Islão.

Mais tarde, com a conquista de mais territórios, os árabes preferiram fundar novas cidades, como: *Kairouan* (Tunísia, 670); *Xiraz* (Pérsia, 674); *Bagdá*, (Mesopotâmia, 762); *Fez* (Marrocos, 808) e *Fustat* ou *Cairo* (Egito, 969). Na Espanha, a partir de 711, e na Sicília, em 827, escolheram como capitais cidades secundárias – respectivamente, *Córdoba* e *Palermo* – e a transformaram em grandes e populosas metrópoles muçulmanas.



As **cidades islâmicas** fundadas ou transformadas pelos árabes, do Atlântico até a Índia, eram muito semelhantes entre si e conservam a sua estrutura originária até a época moderna, bastante semelhante a das cidades antigas. Suas características mais importantes são:

a) Todo o conjunto urbano da construção, incluindo casas, palácios e edifícios públicos, forma uma série de recintos que se voltam para os ambientes internos (*pátios*) e não para o espaço externo;

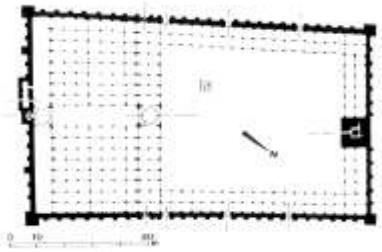
b) Suas praças (ágoras, foros e mercados) são recintos maiores e não se confundem com as ruas, as quais são corredores apenas suficientes para a passagem de pedestres e tráfego, sendo raras as praças alongadas ou as grandes ruas porticadas;

c) A simplicidade e o isolamento do novo sistema cultural defendido pelo ***Alcorão***, livro sagrado do islamismo, acabaram por reduzir todas as relações sociais, o que fez com que se diminuísse a complexidade e a uniformidade das cidades helenísticas e romanas. O Islão acentua o caráter reservado e secreto da vida familiar

Ao invés de basílicas, teatros ou estádios, a cidade muçulmana enfatiza as habitações particulares (casas e palácios), além de dois tipos de edifícios públicos: os *banhos* para as necessidades do corpo, que correspondiam às antigas termas; e as *mesquitas* para o culto religioso;

d) Perde-se a regularidade em grande escala das cidades helenísticas assim como uma administração municipal para impô-la. A cidade torna-se um agregado de casas, geralmente de um andar só (como prescreve a religião), que se voltam para o interior e mantêm fachadas austeras; e as ruas são estreitas (sete pés, conforme a regra de Maomé), sendo algumas cobertas, formando um labirinto de passagens cobertas que não permitem uma orientação e uma visão de conjunto do bairro.

e) O organismo urbano torna-se compacto e fechado por um ou mais muros que diferenciam vários recintos (o mais interno chama-se ***madina*** ou ***medina***). As lojas dos comerciantes não são agrupadas em uma praça, mas sim alinhadas em uma ou mais ruas, cobertas ou não, cujo conjunto forma o *bazar*. Nessa tessitura irregular, abrem-se e se valorizam os grandes pátios regulares das *mesquitas*.



As **MESQUITAS** (*mezquitas*) constituem-se em locais de culto muçulmano compostos por pátios porticados, com um pórtico mais profundo dividido por muitas fileiras de colunas, onde os fiéis individualmente ou em grupos encontram um local isolado para rezar. Diferenciam-se assim dos *templos pagãos* (edifícios fechados ao público, que se olham do lado de fora) e das *igrejas cristãs* (espaços fechados unitários, onde todos os fiéis participam de uma cerimônia coletiva).

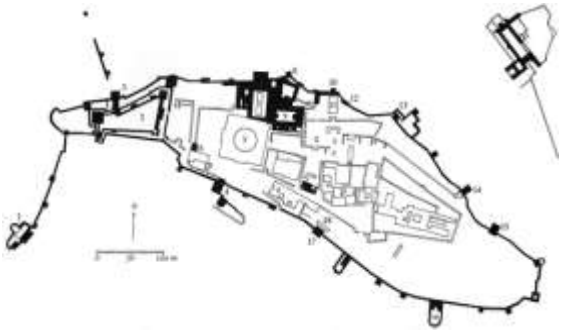
f) Dentro do tecido urbano emaranhado, cada grupo étnico religioso tem seu bairro distinto e o príncipe geralmente reside em uma zona periférica (*maghzen*), protegida por muros. A porta de entrada da cidade (*bab*) é muitas vezes um edifício monumental e complicado (com uma porta externa um ou mais pátios intermediários e uma porta interna), de cuja entrada nasce a rede de ruas a partir de onde não são mais possíveis o encontro e a parada;

g) A proibição religiosa da representação da forma humana impede o desenvolvimento das artes figurativas (pintura e escultura) e promove uma decoração abstrata composta de figuras geométricas e de sinais da escrita (*arabescos*), com notável uniformidade e totalmente integrada com a arquitetura.

Entre as cidades muçulmanas mais características, além de algumas já citadas, destacam-se: *Toledo* (Espanha), *Casbah* e ***Ghardaia*** (Argélia), *Marrakesh* (Marrocos), *Tunis* (Tunísia), *Trípoli* (Líbia) e *Alepo* (Síria).

A queda do Império Romano deixou a Espanha (*Hispania*) nas mãos dos visigodos, invasores bárbaros do norte, mas sua desorganização os fez serem vencidos pelos árabes e berberes do norte africano (*mouros*), em 711 d.C. Iniciou-se assim a história de ***Al-Andalus***, nome dado à Espanha pelos colonizadores muçulmanos, os quais permaneceram no poder até sua expulsão definitiva, em 1212 (embora *Granada* tenha permanecido em mãos árabes até o século XV).

➔ Um rico e poderoso califado estabeleceu-se em *Córdoba* e várias cidades mouriscas foram fundadas na região hoje conhecida como **ANDALUZIA**, destacando-se: *Granada*, *Sevilha*, *Málaga*, *Almería*, *Zaragoza* e *Jaén*, além de *Toledo*, depois transformada em capital cristã.



EL-ALHAMBRA, GRANADA

Na Espanha mourisca, ***alcazaba*** era o castelo construído pelos muçulmanos dentro da cidade árabe fortificada, geralmente protegido por outras muralhas. Ele constitui-se em um importante elemento de arquitetura islâmica, assim como as mesquitas e os palácios construídos em *Córdoba* (e*l-Alcazar*) e *Granada* (e*l-Alhambra*).

Denomina-se ***moçárabe*** (do árabe *mustarib*; arabizado) a arte e a arquitetura realizadas pelos cristãos da península ibérica, de língua árabe, que conservaram sua religião sob a dominação islâmica do século X ao século XI.Já ***mudéjar*** (do árabe *mudejan*) designa aquelas que foram feitas pelos muçulmanos que permaneceram na Espanha depois da reconquista cristã, do século XII ao XIV.

Estilos medievais bastante decorativos, caracterizavam-se pela sua exuberância, intrincados ornatos e respectivos motivos religiosos, tanto em edificações, sacras ou não, como no mobiliário.

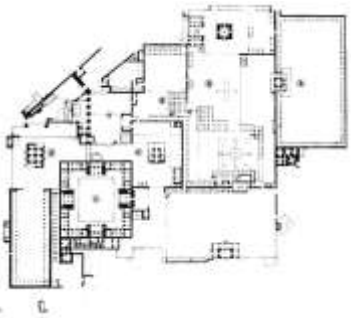
O **ISLÃO** interrompeu o processo de colonização ocidental do Mediterrâneo e do Oriente Médio, desenvolvendo um império que se estende, do século VIII ao XII, por uma ampla região que abrange parte da Europa, Ásia e África.

➔ Bem mais parecida com a cidade primitiva oriental do que com a clássica, a **CIDADE MUÇULMANA** é uma cidade *secreta*, de caráter privado e hermético; e fez aflorar a tradição mais antiga das regiões onde se tinha iniciado, 4.000 anos antes, a civilização humana. Proliferando-se por todos os domínios árabes, mantém suas características peculiares até hoje (GOITIA, 2003).

Bagdá foi fundada em 762 d.C. segundo um ambicioso plano urbanístico circular, com mais 2,5 km de diâmetro, tendo sido destruída pelos mongóis em 1258 e reconstruída no mesmo lugar sem reproduzir a originária regularidade. Como a nova capital dos califas Abássidas, teve mais de um milhão de habitantes e foi, por longo período, o mais importante centro de comércio e cultura mundial.

Depois das ***Cruzadas*** e da destruição de Bagdá, o Islão continuou se expandindo, mas somente para o Oriente (leste). Os impérios muçulmanos dos séculos XVI e XVII – o dos Safâwidas no Irã e o dos Moghul na Índia – realizaram seus últimos arranjos em *Isfahan, Agra* e *Delhi.*

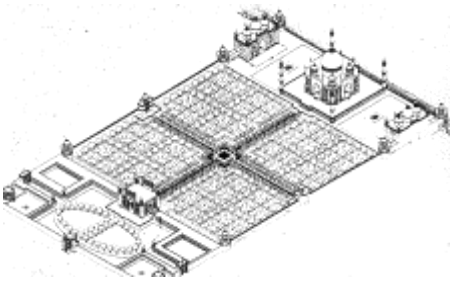
Na Era Moderna, as **cidades islâmicas orientais** adquiriram maior uniformidade e uma regularidade geométrica em grande escala, principalmente por influência clássica, o que muitas vezes acabou entrando em conflito com o tecido tradicional das cidades muçulmanas já formadas, associando assim influências dos arranjos barrocos europeus aos modelos persas e indianos.



PALÁCIO DE FATEHPUR SIKRI, AGRA

No final do século XVI, a cidade de ***Isfahan*** foi escolhida para a nova capital do reino do Xá Abas I, o que fez com que o organismo da cidade medieval, concentrado em torno da mesquita principal fosse ampliado para o oeste por meio de uma série de episódios simétricos e geométricos, como a nova mesquita real e a praça *Meidan-i-Xá.*

➔ Os novos ambientes iranianos acabaram sobressaindo-se no tecido urbano, não por sua consistência volumétrica, mas pelo seu traçado rigoroso, que exprimia o caráter eminente do poder, aos moldes do barroco ocidental.



JARDINS DO TAJ MAHAL, AGRA

Na **ÍNDIA** moderna, os imperadores Moghul (Akbar e Jahan) realizaram importantes conjuntos urbanos no século XVII, grandiosos e regulares, como o *Forte Vermelho* (1639) e a *Grande Mesquita* (1656) de *Dehli*; e a *Cidadela-Palácio* e o célebre *Taj Mahal* (1631/56), tumba da esposa do Xá Johan, em *Agra*.

JERUSALÉM

Berço das três maiores religiões do mundo – o *cristianismo*, o *islamismo* e o *judaísmo* – a cidade teve sua origem por volta de 3000 a.C., quando tribos nômades da Palestina, originalmente pastores, passaram a viver da agricultura.

➔ Segundo a tradição bíblica, em cerca de 1000 a.C., o rei hebreu Davi, da casa de Judá, escolheu este povoado às margens do deserto da Judéia como capital de seu reinado, seguido pelo do seu filho, Salomão, que construiu um templo em adoração a Deus, transformando a cidade no centro da religião judaica. Daquele, só o *Muro das Lamentações* teria restado, sendo assim sagrado.

Por volta do ano 30 d.C., Jerusalém foi palco da crucificação de Jesus, tornando-se também sagrada para os cristãos. Em 335, ergueu-se a *Igreja do santo Sepulcro*, no local do seu sepultamento. No século II, após uma série de revoltas contra o domínio romano, os judeus foram expulsos da *Terra Santa* e, com a expansão muçulmana, o Islão chegou à cidade no século VII. Os árabes ergueram sobre a pedra onde Maomé supostamente teria subido ao céu o *Domo da Rocha* em 691.

Durante as *Cruzadas* foi alvo da disputa acirrada entre cristãos e muçulmanos tendo sido conquistada 25 vezes e destruída cerca de 17 vezes ao total. Seu aspecto remonta da era bizantina e suas muralhas erguidas no século XVI. O núcleo histórico está divido em quatro bairros, ocupados por muçulmanos, cristãos, judeus e armênios. Ao sul e leste da *Cidade Velha* estão os montes das *Oliveiras* e *Sion*; e ao norte e oeste a Jerusalém moderna. A criação do Estado de **ISRAEL** em 1948 até hoje mantém a situação de conflito e disputa na região.

5

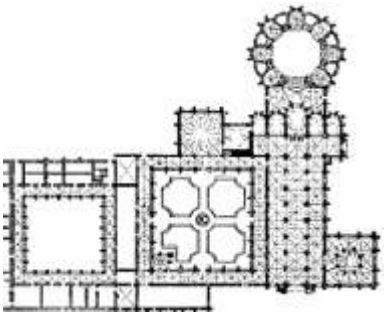
CIDADE MEDIEVAL

No século IV d.C., devido às inúmeras e constantes invasões bárbaras e às graves crises de administração interna, o **Império Romano** acabou dividido entre leste e oeste. A parte oriental, conhecida como **Império Bizantino**, sobreviveu à queda do Ocidente em 476 d.C. e existiu até a conquista de *Constantinopla* (*Bizâncio*) em 1453 d.C. pelos turcos (otomanos). Esse período que compreende cerca de dez séculos correspondeu à chamada **IDADE MÉDIA.**

➔ Com o fim do poderio romano, iniciou-se a era medieval, na qual sucumbiu toda a cultura clássica promovida pela civilização greco-romana e se iniciou um lento processo de despovoação das cidades e mudança social e econômica (*Feudalismo*).

As tribos bárbaras – inicialmente visigodos, vândalos e francos, seguidos pelos normandos (*vikings*), eslavos e mongóis – levaram Roma ao declínio, assim como à formação da **CIVILIZAÇÃO MEDIEVAL**, cuja história propriamente dita começou com a coração de Carlos Magno, rei franco entre 742 e 814 d.C.

➔ Do século VI ao XI, durante a estagnação cultural e econômica que se seguiu ao esfacelamento do mundo clássico, foi a Igreja que preservou o latim, disseminou o cristianismo e garantiu a sobrevivência das chamadas *cidades eclesiásticas*, que eram comunidades religiosas formadas em torno de **mosteiros**, cuja vida girava em torno da religião.



➔ Esses mosteiros românicos e principalmente os bizantinos eram ricamente decorados (*mosaicos*) e constituíam-se em grandes complexos formados por uma igreja, algumas moradias e unidades produtivas.

A economia feudal baseava-se no ***feudum***, que era a sua unidade produtiva enraizada na agricultura de subsistência (*latifundium*), que geralmente pertencia a senhores de terras, tanto laicos como religiosos (CHILDE, 1981; PIRENNE, 1997).

Nessa época, as relações de produção voltaram-se para a exploração do solo e a organização social definiu-se entre proprietários de terras (*castelãos*), servos e camadas intermediárias (artistas, aprendizes e mestres de ofícios).

➔ Apareceram os **BURGOS**, recintos amuralhados de perímetro pouco extenso, em cujo centro se erguia uma torre com a guarnição de defesa, além do **castelo** do senhor feudal.

Durante a **ALTA IDADE MÉDIA**, não havia cidades no sentido social, econômico ou jurídico, mas somente os *centros eclesiásticos* (mosteiros) e os *burgos* (castelos), que não eram mais que fortalezas de defesa e sedes de administração feudo-religiosa.

➔ De início uma instituição militar, os burgos transformaram-se em centros políticos, onde o castelão (*castellanus*) passava de simples comandante para alguém com autoridade financeira e judiciária sobre um território mais ou menos extenso, em volta das muralhas, que, a partir do século X, denominou-se *castelania*.

Esta dependia do burgo assim como o bispado dependia da cidade romana antiga. Em caso de guerra, os habitantes vizinhos buscavam-lhe abrigo, sendo mais uma população de fortaleza do que de cidade, já que não havia nem produção nem comércio.

Nesse período histórico – que abrange as dinastias *Visigótica* (410-711), *Merovíngia* (481-751), *Lombarda* (568-774), *Asturiana* (718-910), *Carolíngia* (775-825) e finalmente *Moçárabe* (800-980) –, desapareceram tanto a diferença jurídica como a física entre cidade e campo.

➔ A disposição das comunidades urbanas, menores e mais pobres, na estruturas remanescentes das cidades romanas e a formação das aldeias rurais nos feudos desenvolveram-se de modo muito semelhante, marcado pelo caráter espontâneo, despreocupa e bastante naturalista, tanto em traçado como arquitetura.

No final do século X, início da **BAIXA IDADE MÉDIA**, começou o renascimento econômico da Europa, promovendo o aumento da produção agrícola, o desenvolvimento progressivo do comércio e o crescimento da população que, de cerca de 22 milhões em 950, atingiria aproximadamente 55 milhões em 1350. Os burgos passaram a abrigar artesãos, os quais se associaram em *corporações de ofício*, assim como os comerciantes reuniam-se em *guildas*, voltadas a defender os interesses de cada profissão.

➔ São apontadas várias ordens de causas para tal mudança, que conduziria ao fim da era medieval:

a) Estabilização dos últimos povos invasores(húngaros, árabes e eslavos)
b) Inovações técnicas na agricultura (rotação trienal de culturas, difusão de moinhos d'água e novos sistemas de arados e transportes eqüestres)
c) Influência de cidades costeiras (*Veneza*, *Gênova*, *Napoli*, *Amalfi*, etc.), que mantiveram os contatos com o comércio internacional do Mediterrâneo, o que incentivou o renascimento das outras cidades como centros comerciais.

Além disso, a existência de um comércio ambulante e ocasional; e a realização de **feiras medievais** que promoviam a troca periódica de mercadorias foram outros fatos que fizeram a economia renascer.

➔ Tornou-se indispensável um lugar fixo para os viajantes, que se estabeleceram em aglomerações comerciais à volta dos burgos, formando o *novus burgus* (*forisburgus* ou *suburbium*), em contraposição ao *vestus burgus* (BENEVOLO, 2001).

Aos poucos, os comerciantes libertaram-se da vida campesina e tornaram-se privilegiados, escapando do poder privado e senhorial. Os habitantes dos subúrbios passaram a serem chamados de burgueses (*burguenses*) e os do velho burgo de *castellani* ou *castrenses*.

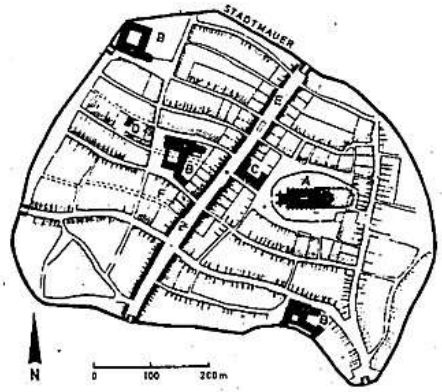
O surgimento desses mercadores fez com que o comércio se intensificasse e as antigas vilas aumentassem, transformando-se em novos centros econômicos. Ocorria uma mudança no modo de produção, que de *tributário feudal* tornou-se *mercantil simples*.

Essa transformação mudou radicalmente o sistema das possessões, tanto na cidade como no campo, fazendo se desenvolverem, a partir do século XI, algumas **CIDADES-ESTADO**, frutos da concentração de pessoas provenientes do meio rural, artesãos e mercadores.

➔ Nestas novas cidades, essa população burguesa passou a gozar de novas condições sociais e econômicas (liberdade pessoal, além de autonomia judiciária e administrativa) e, pelo embate com os bispos e os príncipes feudais, adquiriu o poder público, fazendo nascer as ***comunas***, ou seja, Estados com uma lei própria que defendia interesses econômicos (NORBERG-SCHULZ, 1983).

A cidade-estado medieval dependia do campo para seu abastecimento e, ao mesmo tempo, controlava um território mais ou menos extenso à sua volta. Mas, diferentemente da grega, não concedia paridade de direitos aos habitantes do campo (BENEVOLO, 2001).

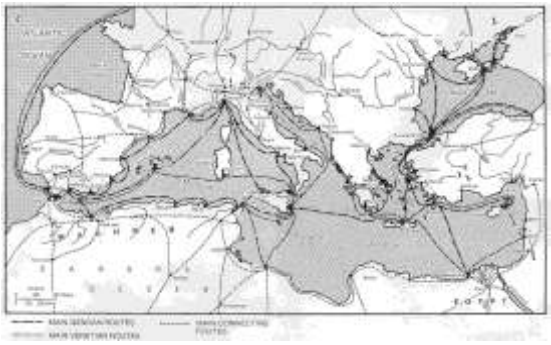
➔ Apesar de suas relações econômicas e políticas terem uma escala maior, permanecia uma "cidade fechada", pois era guiada pelos interesses restritos da sua população urbana, que, por sua vez, não tinha um corpo unitário – como a assembléia democrática grega –, mas era heterogêneo, tanto que, em fins do século XIV, seu governo passaria para as mãos de famílias aristocráticas: a ***comuna*** evoluiu para a ***senhoria***.



Do século XI ao XIV, os órgãos do governo dessas comunidades medievais eras compostos por:

- um conselho maior formado pelos representantes das famílias mais importantes;
- um conselho menor, que funcionava como junta executiva;
- um certo número de magistrados, eleitos ou sorteados (os *consoli* na Itália, os *jurés* na França ou os *échevins* em Flandres).

A eles se contrapunham as associações que representavam uma parte dos cidadãos: as corporações (*arti* na Itália, *gilds* na Inglaterra ou *zünfte* na Alemanha) e as companhias do povo armado, que nomeavam um seu magistrado, o capitão do povo. Somava-se a isto o poder religioso dos bispos e das ordens monásticas, com sede na cidade. Como árbitro de conflitos, nomeava-se, em certos casos, um magistrado forasteiro (*podestade*).



O desenvolvimento das cidades promoveu e acelerou mudanças no campo, já que a **CIDADE MERCANTIL** acabou importando víveres e matérias-primas, assim como exportava produtos manufaturados para as populações rurais. Aumentaram-se as áreas cultivadas e desenvolveram-se novos vilarejos, que gozavam de maior liberdade pessoal dos trabalhadores e governo autônomo, geralmente por parte de um magistrado eleito pelo povo.

➔ Durante os séculos XIII e XIV, novas aldeias foram fundadas na periferia do mundo europeu, principalmente por motivos econômicos ou militares:

- **Anglo-Francesas** (*bastides*), criadas por iniciativa dos reis e dos feudatários franceses (*Aiques-Mortes*, *Carcassonne*, *Marpazier*) e britânicos (*Winchelsea*, *Kingston-upon-Hull*, *Flint*) que se combatiam na *Guerra dos Cem Anos*;
- **Espanholas** (*poblaciones*), feitas pelos príncipes cristãos nos territórios tomados pouco a pouco dos mulçumanos expulsos;
- **Alemães** para a colonização oriental, conquistadas aos eslavos pelos cavaleiros da ordem teutônica (*Ceske Budejovice*, *Telc*).

Até a Renascença, as cidades européias representavam o centro ativo de uma comunidade de artesãos e comerciantes da classe média, que era formado por um aglomerado de casas e oficinas, distribuídas ao longo das principais vias e em torno de uma *piazza*, onde se localizavam a catedral, o palácio municipal e os serviços necessários às atividades comerciais. As ruas eram estreitas e tortuosas, de configuração concêntrica ou radial-concêntrica.

Constituindo-se na expressão inicial de um corpo político privilegiado (*burguesia*), o qual cresceu progressivamente desde o início do século XI até a metade do século XIV, a **CIDADE MEDIEVAL**:

a) Localizava-se geralmente em *terrenos irregulares e acidentados*, ocupando o topo de uma colina ou ilha, para favorecer a sua proteção. Com exceção daquelas fundadas pelos romanos (que nasciam do cruzamento de duas vias perpendiculares –*Cardo* e *Decumanus* – com a Sé ou catedral ao centro), seguia naturalmente a topografia, mantendo-se o caráter informal.

b) Era cercada por uma *muralha* (obra pública de traçado geralmente irregular e arredondado) que, além de protegê-la contra roubos e invasões, controlava a entrada e saída de indivíduos em períodos de paz, a partir do pagamento de taxas. Devido ao crescimento da cidade e conseqüente escassez de espaço interno, tornava-se necessário a construção de novos muros, para proteger novas hospedarias , oficinas, mosteiros e outras instituições que começassem a se localizar fora das muralhas (*faubourgs*);

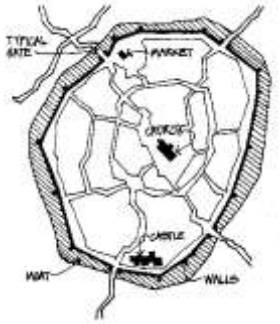
c) Possuía uma *rede irregular de ruas* que estavam dispostas de modo a formar um espaço unitário e homogêneo, embora houvesse certa hierarquia de vias (enquanto as secundárias eram simples passagens, as demais tinham várias funções: tráfego, comércio, reunião, etc.), que quase sempre irradiavam a partir da praça da catedral em direção aos portões;

d) Apresentava *moradias estreitas* e *apinhadas*, quase sempre de muitos andares, abrindo-se para o espaço público e com uma fachada que contribuía para formar o ambiente da rua ou da *praça*, sendo esta última não independente das vias, mas funcionando como um tipo de largo para o qual as ruas se convergiam;

e) Formava um *espaço público comum* e *complexo*, que se espalhava por todo o conjunto e no qual estavam todos os edifícios público e privados, com seus eventuais espaços internos, pátios ou jardins (espaços públicos e privados não eram zonas contíguas e separadas como na cidade antiga);

f) Não possuía *rede de esgoto* e a drenagem era feita através das ruas. A água era disponível quase que unicamente na fonte principal da cidade. Havia vários *bairros*, dotados de fisionomia individual, símbolos específicos e muitas vezes organização política própria, os quais, a partir do século XIII, tornaram-se centros secundários nos bairros periféricos.

g) Tinha uma *estrutura organizativa complexa*, na qual se sobrepunham diversos poderes (episcopado, governo municipal, ordens religiosas, corporações), o que resultava em vários centros: o religioso (catedral e palácio episcopal), o civil (palácio municipal) e um ou mais comerciais (lojas e palácios das associações mercantis);



O número de cidades européias aumentou rapidamente no final da Idade Média, mas sua população permaneceu relativamente pequena, pois raramente se excedia os 50.000 habitantes. Foi o aumento do comércio e das viagens que levou ao adensamento populacional, ao congestionamento e à proliferação de epidemias após o século XIV (JELLICOE & JELLICOE, 1995).

PRINCIPAIS CIDADES DA BAIXA IDADE MÉDIA: Séc. X-XIV
(*Com superfície aprox. protegida pelo último cinturão de muros*)

1 hectare = 10.000 m^2
100 ha. = 1 km^2

600 hectares	*Veneza* (a cidade e as ilhas contíguas)
450 a 580 ha.	*Milão* (Séc. XV), *Colônia* (1180), *Florença* (1284), *Pádua* (Séc. XV)
380 a 440 ha.	*Paris* (1370), *Bruxelas* (1357), *Bolonha* (Séc. XIII), *Verona* (Séc. XIV)
200 a 360 ha.	*Bruges* (1357), *Nápoles* (Séc. XV), *Pisa* (Séc. XII), *Barcelona* (1350)
160 a 180 ha.	*Siena* (Séc. XIV), *Lübeck* (Séc. XIII), *Londres* (Séc. XIV), *Nuremberg* (1320)
140 a 150 ha.	*Frankfurt-am-Main* (1333), *Avignon* (1356)

FONTE: BENEVOLO, 2001.

VENEZA

Cidade excepcional, cuja forma urbana permaneceu inalterada desde os finais do século XI, *Veneza* (*Venezia*) surgiu a partir de quando seus habitantes, para fugir das incursões dos bárbaros que entravam na península itálica, refugiaram-se nas lagunas entre a foz do rio Pó e do Tagliamento, que ofereciam um ambiente protegido tanto por terra como por mar.

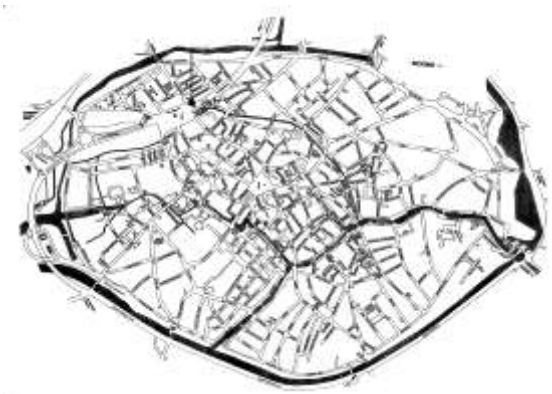
➔ Sujeita desde o início à influência de Constantinopla, tornou-se o centro comercial intermediário entre o Ocidente e o Oriente, organizando-se de modo livre, sem enfrentar como as demais cidades lutas entre os príncipes e os nobres feudais.

Seu formato característico é de um trecho de laguna urbanizado, localizado onde vários canais convergem entre si e desembocam no mar aberto. Um desses canais – o *Gran Canale* – entra na cidade e sinuosamente a percorre por inteiro. Em sua foz, fica a *Piazza di San Marco*, o centro político da cidade; e em seu meio, *Rialto*, o centro comercial, com a única ponte sobre o *Grande Canal*.

➔ Toda a malha veneziana, que forma uma massa densa e compacta, é recortada por uma rede de canais secundários, sobre a qual se desenvolve o tráfego. A maioria de seus edifícios, igrejas paroquiais e espaços abertos (*campos*), foi realizada entre o fim do século XI e início do XII (BENEVOLO, 2001).

Quando a prosperidade de *Veneza* chegou ao ápice, no século XIII, sua fisionomia já estava praticamente definida, restando aos séculos seguintes os acréscimos artísticos que a enriqueceram ainda mais, tornando-a um laboratório de experiências que somente entra em colapso quando deixou de ser soberana, em 1797, e sofreu com os atuais problemas.

BRUGES



Considerada a maior cidade mercante na Europa transalpina, desenvolveu-se de um castelo fortificado fundado pelos condes de Flandres ao longo do curso do rio Reye, no final do século IX. De posição altamente favorável ao comércio marítimo, desenvolveu-se rapidamente, acabando por se tornar uma cidade livre, com novos núcleos em pontos elevados e unidos por um segundo cinturão de muros, atingindo a área de 86 hectares e 10.000 habitantes no século XI.

➔ No século XIII, tornou-se o principal porto entre a Europa e o Mar do Norte, além de manter fortes relações comerciais com as cidades da *Liga Henseática*, formada por *Hamburgo*, *Bremen* e *Lubeck*. O organismo urbano, marcado pela irregularidade medieval, expandiu-se e exigiu novas muralhas, as quais foram executadas junto a um novo mercado (*Waterhalle*), um novo palácio municipal e novas igrejas estritamente góticas.

Nos últimos decênios do século XIII, cerca de um terço da renda municipal de *Bruges* era destinado a obras públicas, incluindo a construção de muros, a pavimentação de ruas e o abastecimento de água. A construção de edifícios privados era disciplinada por uma série de regulamentos, que incluíam de regras quanto à altura e disposição dos telhados até a previsão de praças e alargamento de ruas.

➔ Centro de uma rica burguesia, possibilitou o Renascimento flamengo do século XV, a partir de quando seu porto começou a rivalizar com o de Antuérpia, o que acabou transformando a cidade lentamente, estagnando-se.

BOLONHA

Originalmente uma colônia romana, fundada em 189 a.C., a cidade prosperou e acabou se tornando uma das maiores cidades da Itália Setentrional (Região da Emília-Romagna), atingindo de 50 a 80 hectares de superfície e algumas dezenas de milhares de habitantes.

➔ Após a queda do Império Romano, entrou em ruínas, sendo apenas sua parte oriental protegida por muros, elevados sob Teodorico, no início do século VI. Este cinturão de quatro portas permaneceu o coração da cidade medieval e dentro dele foram construídos seus principais monumentos: a catedral, *San Petronio*, os *palazzi Público* e do *Rei Enzo*, este ao redor do retângulo da *Praça Maior* que correspondia à malha romana (BENEVOLO, 2001).

Entre o final do século X e início do XI, a população de *Bolonha* (*Bologna*) começou a crescer, quando a catedral, antes fora, foi transportada para o interior dos muros; e foi fundada sua célebre universidade. Formou-se a *Comuna* bolonhesa e os dois núcleos urbanos – o latino e o longobardo – foram finalmente unificados e integrados por uma segunda muralha.

O desenvolvimento da cidade continuou no século XII, permitindo novas edificações, expansões e reformulações urbanas, exigindo um terceiro cinturão de muros. A crise econômica iniciou-se na segunda metade do século XIV, comprometendo suas maiores instituições comunais, que acabaram nas mãos dos *visconti* de Milão e da Santa Sé. Sua configuração definitiva deu-se no século XV, graças ao governo papal, mas sofreu alterações com a industrialização que conduziram à sua remodelação atual.

NUREMBERG

Fundada em 1040 pelo imperador Henrique, no ponto de confluência das vias de comunicação entre a Baviera, a Francônia, a Suábia e a Boêmia, em um vale percorrido pelo rio Pegnitz, esta cidade alemã nasceu ao redor de um mercado. Porém, no século XII, Frederico I fundou um outro conjunto habitacional (*Lorenzerstadt*) à margem oposta do rio.

➔ Esses dois núcleos originais, cada um cercado por muralhas, acabou se fundindo em 1320, quando os muros foram ligados à montante do rio e formou-se o organismo unitário do *Altstadt*. Com o acréscimo de novos bairros, atinge sua extensão máxima (160 hectares) e uma população de 20.000 habitantes.

A partir do século XIV, foram construídos os principais edifícios públicos de *Nuremberg*, alguns dos quais considerados entre os mais importantes monumentos do gótico alemão tardio, como a *Igreja de Sta. Maria* (1355) e a fonte na *Praça do Mercado* (1385). O *Palácio Comunal*, iniciado no século XIV, foi sucessivamente ampliado até o século XVII, com uma singular continuidade estilística.

➔ Na Renascença, a cidade tornou-se ponto de passagem obrigatória do comércio terrestre entre a Europa Setentrional, a Baviera e os países alpinos, o que acabou enriquecendo-a e fazendo prosperar sua vida cultural, que a transformou em um grande centro de artes, ourivesaria, cartografia e imprensa. Apesar disso, manteve a sua configuração medieval, somente abalada com os graves bombardeios da *II Grande Guerra* (1939/45), que exigiram a sua reconstrução.

6

CIDADE RENASCENTISTA

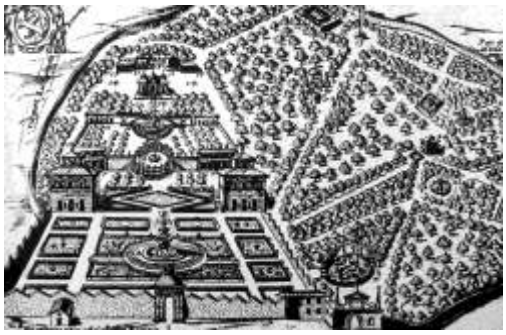
No Início da Idade Moderna, as cidades ocidentais renasceram graças ao lento mas progressivo desenvolvimento do comércio, tornando-se importantes centros políticos e econômicos, que levaram à perda do poder dos senhores feudais e à decadência do feudalismo.

➔ Entre os séculos XIV e XV, os movimentos comunais e a ascensão da burguesia reivindicaram o retorno do poder municipal, passando os mercadores a financiarem a implantação de monarquias nacionais. Além disso, teve início a **RENASCENÇA**, período marcado pelo grande avanço intelectual e artístico de toda a sociedade, de bases filosóficas (*Humanismo*).

Durante a *Era das Navegações*, o comércio deslocou-se do Mediterrâneo para o Atlântico e o **mercantilismo** desenvolveu-se apoiado pela expansão do Capital comercial e usurário, este incentivado pela *Reforma* religiosa.

➔ No século XVI, um novo padrão de vida emergiu do novo modo de produção econômica (capitalismo mercantilista), assim como uma nova estrutura política, expressa principalmente pelo *despotismo* centralizado ou pela *oligarquia*, em geral personificada em um Estado nacional (MUMFORD, 2001).

Aos poucos, as cidades passaram a assumir suas funções produtivas, em especial com o aparecimento das primeiras fábricas urbanas, ou seja, pequenas oficinas voltadas tanto ao varejo como ao atacado.



➔ Paralelamente, a cavalaria foi substituída pela artilharia, o que tornou definitivamente as muralhas obsoletas; e os moradores das cidades desceram das colinas para as planícies (BENEVOLO, 2001).

A **CIDADE TARDO-MEDIEVAL** era caracterizada pelo seu singular equilíbrio formal, com a Igreja e a autoridade civil niveladas e contrapostas na forma global e nas articulações internas, onde os espaços coletivos públicos e as soluções arquitetônicas compunham-se livremente.

➔ O conceito do espaço urbano renascentista abandonou a idéia da Baixa Idade Média de conjunto vivo e orientou-se para um ideal de perfeição formal pura. Passou-se a predominar a uniformidade, os traçados regulares e as ruas irradiadas de uma praça central, em que canhões defendiam estrategicamente as entradas.

Na idéia renascentista de cidade, toda a motivação de ordem sagrada e/ou religiosa sobre a vida urbana acabou desaparecendo, sendo substituída por uma atitude científica levada ao extremo de uma racionalidade a-histórica que, apesar disso, conduziu à repetição de alguns motivos geométricos arquetípicos, principalmente o quadrado e o círculo .

➔ A arte renascentista confundiu-se com a de projetar cidades, fazendo-se com que as ***leis de perspectiva*** acabassem se tornando regras de construção de vias, praças e conjuntos urbanos, segundo princípios universais de simetria e proporção.

O novo método de projeção – estabelecido desde os princípios do século XV – passou a ser aplicado teoricamente a todo gênero de objetos, dos espaços arquitetônicos à cidade e ao território. Entretanto, por limitações práticas, não conseguiu produzir grandes transformações nos organismos urbanos antes do período barroco, a partir do século XVII.

Foram estas as principais características da **CIDADE RENASCENTISTA**:

a) Concepção urbana como aspiração de uma geometrização geral, na qual ruas e praças passaram a serem definidas pelos edifícios que pareciam estar constituídos por idênticas unidades estereométricas;

b) Aplicação das regras da *perspectiva* e do processo de composição aditivo, no qual cada elemento espacial conserva um alto grau de independência dentro do conjunto, o que está exemplificado na *Prospettiva di una piazza* (c.1470), de **Francesco di Giorgio (1439-1501)** e **Luciano Laurana (1420-79)**;

c) Objeto de intenso esforço de interpretação crítica e experimentação que, na prática, resultou em várias realizações fragmentárias, as quais exemplificam as relações adotadas entre o assentamento e o entorno natural.

O primeiro tratadista da Renascença, **LEON BATTISTA ALBERTI (1404-72)** sistematizou teoricamente as idéias artísticas do período, tanto para a pintura e a escultura (1435) como para a arquitetura (1455). Em seu tratado em dez livros *De re aedificatoria*, de inspiração vitruviana, estabeleceu as premissas, nos livros IV e VIII, do urbanismo renascentista.

➔ Alberti via a ação urbanística como uma *atividade moral*, na qual o arquiteto teria a função de unificar todos os aspectos da vida pública e privada. Definindo a sociedade perfeita como "construção" (encaixe lógico de afirmações morais, civis e religiosas), buscou definir as regras universais de construção e remodelação das cidades.

Criando um sistema de operações aplicáveis a todos os organismos urbanos, ele concebia a cidade como uma *totalidade irredutível*, ou seja, um "edifício" público que é uma obra de arte completa, a qual supera em dignidade a todas as demais edificações urbanas.

Sua teoria urbana demonstrou-se possível em pequenas cidades (*Pienza* e *Urbino*), mas ineficaz nas médias (*Mantova* e *Ferrara*) e desastrosa nas grandes (*Milano* e *Roma*), já que ali aplicadas acabaram rompendo a coerência e o equilíbrio dos conjuntos precedentes.

As idéias apresentadas sobre a cidade em *De re aedificatoria* (1455) eram:

I. Não estabelecia diferenças relevantes entre as cidades do mundo clássico e aquelas surgidas na Idade Média, nem contrapunha os novos critérios racionalizados de planejamento da Renascença aos tradicionais tardo-medievais;

II. Concebia a cidade como uma "grande casa", ainda que de natureza composta, além da necessidade de conciliar finitude e mutação (a cidade deveria ser dotada de determinado número de casas de reserva às exigências de seu crescimento);

III. Enunciava as regras universais da cidade quanto à sua situação ou localização, assim como em relação à sua área, seus limites e suas "aberturas" (passagens e meios de comunicação que se constituiriam na dimensão-chave da cidade, ao mesmo tempo em que seu modo de divisão: vias de circulação intra e extra-urbana, praças, pontes e portos);

IV. Estabelecia que na cidade, como ocorria na natureza, regularidade e irregularidade deveriam se conciliarem (a obra humana deveria se adaptar suavemente ao terreno e ao ambiente cósmico – forma circular –, podendo sua muralha adaptar-se ao lugar;

V. Considerava que as "novas" arquiteturas seriam para a cidade o mesmo que os "ornamentos" são aos organismos de construção dos edifícios;

VI. Definia as praças (*piazze*) como organismos arquitetônicos autônomos, circundados por pórticos e *loggias*; e estabelecia três categorias de ruas (*vie*), tanto para a cidade como para o campo:

- *Ruas principais* (deveriam ser amplas, retas e bem curtas nas cidades grandes; e tortuosas nas pequenas);
- *Ruas secundárias* (deveriam ser tortuosas tanto nas cidades grandes como pequenas, convergindo para as vias principais em uma linha diagonal);
- *Ruas-praças* (deveriam cumprir determinadas funções públicas, tais como conduzir à igreja ou ao local onde se administrava a justiça).

FLORENÇA

Colônia Romana (*Florentia*) fundada em 59 a.C. na confluência do rio Arno com o torrente Mugnone, *Firenze* nasceu como um pequeno quadrado orientado segundo os pontos cardeais, que se desenvolveu para um retângulo de cerca de 20 hectares contendo 10.000 habitantes.

➔ Sucessivamente danificada por vários invasores, chegou a 5.000 habitantes no período carolíngio, quando adquiriu um segundo cinturão de muros. No século XI, tornou-se capital do marquesado de Toscana, o que promoveu seu crescimento e novas benfeitorias de características românicas (JELLICOE & JELLICOE, 1995)

A Comuna florentina formou-se em 1115, quando foram estabelecidas relações exatas entre os espaços públicos e privados. A partir de então, o crescimento foi cada vez mais rápido e, no século XIII, sua população chegou a 100.000 habitantes, graças ao crédito e à produção dos tecidos de lã. Várias pontes, igrejas e conventos foram então realizados, abrindo-se novas ruas e praças públicas.

➔ Nas duas últimas décadas do século XIII, o governo da cidade empenhou-se na construção de um grande ciclo de obras públicas, que transformaram radicalmente a sua forma, incluindo uma nova muralha e praças retangulares e frontais a importantes igrejas, como as *de Sta. Maria Novella* (1278) e *de Sta. Croce* (1295) (BENEVOLO, 1981).

Iniciaram-se nesse período as obras da *catedral de Sta. Maria del Fiore* (1296/1436) e do *Palazzo Vecchio* (1298), assim como *Piazza della Signoria*, trodas sob a supervisão de **Arnolfo di Cambio (1232/45-1310).**

Berço e principal centro de difusão da Renascença européia, Florença passou por várias lutas sociais na segunda metade do século XIV, que culminaram com a revolta dos Ciompi (1378), os quais governaram pacificamente a cidade por duas gerações até a *Signoria* dos Medici.

➔ Empenhados em completar a fisionomia traçada em fins do século XIII, procuraram remodelar o organismo florentino com obras pontuais que marcaram o renascimento nas artes e ciências.

Nem os recursos econômicos nem os ideais culturais do período permitiram realizar outra coisa que intervenções complementares de retoques da forma urbana, mas que garantiram a Florença sua imagem definitiva. Entre os artistas que estiveram empenhados nesse programa, destacaram-se: Orcagna, Talenti e Ghiberti; e, mais tarde, Brunelleschi, Donatello, Masaccio e Paolo Uccello.

Os ideais urbanistas do **RENASCIMENTO** somente puderam ser aplicados na prática em projetos pontuais e algumas experiências de transformação urbana, estas ocorridas entre 1460 e 1470, graças a acordos firmados entre determinados príncipes e papas

➔ O aumento dos recursos econômicos, assim como fé nas possibilidades reformadoras da cultura artística da Renascença, garantiu essas realizações experimentais, mas divergências políticas acabaram por anular e/ou desviar as aspirações ideais dos projetistas para o campo teórico. As cidades italianas em que as intervenções renascentistas foram as mais unitárias e eficazes foram:

PIENZA

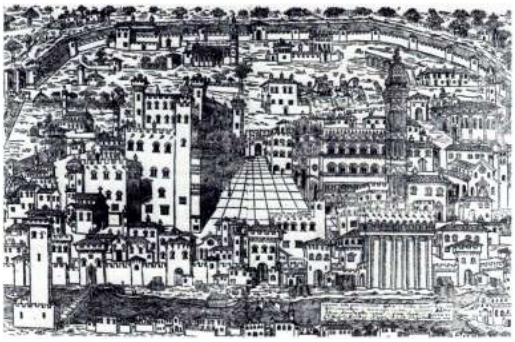
Em 1459, o Papa Pius II (1405-58) visitou o burgo medieval de *Corsignano*, no território de Siena, com cerca de 6 hectares; e resolveu reconstruí-lo como residência temporária para si e sua corte. Ali se instala um grupo de edifícios monumentais (a catedral e os *palazzi Piccolomini*, *Vescovile* e *del Pretoriu*), além de prédios secundários, que foram dispostos de modo hierárquico e harmônico com o pré-existente. Concluídas as obras em 1462, a cidade passou a se chamar *Pienza*.

URBINO

Cidade com cerca de 40 he., situada sobre duas colinas, que foi remodelada ao gosto de seu *signore* Federico de Montefeltro (1422-82), que construiu, por volta de 1465, um conjunto retilíneo de edifícios para compor seu *Palazzo Ducale*, utilizando um grupo de artistas locais e toscanos de segundo plano. O resultado foi um arranjo harmonioso, de regularidade geométrica e sem destruir a continuidade visual do organismo medieval.

FERRARA

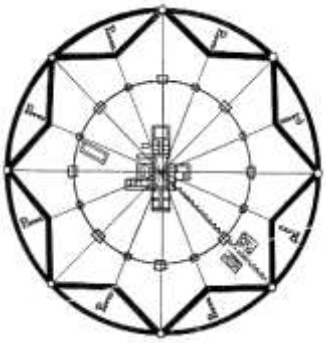
Capital da *signoria* d'Este, situada a montante do rio Pó, tornou-se um importante centro cultural, o que reivindicou dois novos bairros: a adição realizada pelo Duque de Borso, em 1451; e a do Duque Hércules I, em 1492, construída gradativamente até o século XVI. A segunda intervenção dotou a cidade de uma rede de ruas retilíneas que foram traçadas de modo a se integrarem harmoniosamente ao tecido medieval, tortuoso e irregular .



CIDADE IDEAL

Entre os séculos XV e XVI, surgiram vários tratados sobre *cidades ideais*, assentados em critérios puramente racionais e geométricos. Em todos eles, acreditava-se na **UTOPIA*** de que o princípio da forma arquitetônica e urbana deveria corresponder à configuração do seu arranjo político e social.

➔ Na busca pela forma perfeita, defendia-se que a **CIDADE IDEAL** deveria ser a ampliação tipológica da unidade-base entre sociedade real e utopia social, ou seja, através de um modelo unitário, geométricos e rígido, no qual se excluiriam o movimento, a variação e o acontecimento casual, obter-se-ia ordem e justiça.



SFORZINDA

***UTOPIA**

O termo *utopia* foi cunhado pelo inglês **THOMAS MORUS (1478-1535)** para designar aquilo que "não se encontra em nenhum lugar" , quando da publicação de sua obra intitulada *Utopia* (1516).

De motivações estritamente econômicas e inspiração platônica – foi **Platão (427-347 a.C.)** quem pela primeira vez, no século IV a.C., formulou as bases utópicas de uma sociedade ideal, em *A República* –, Morus (também conhecido como More) imaginou um país perfeito, onde imperavam a prática agrícola e a propriedade coletiva, sem desigualdades ou injustiças sociais comuns à sua época.

Na Ilha de *Utopia*, de 3 x 30 km de extensão, descrevia 54 cidades (*civitas*), sendo a principal delas, *Aircastle* ou *Amaurota*, caracterizada pela presença da água, jardins e amplos cinturões verdes.

No plano ideal, o **círculo** passou a ser o preferido dos projetistas por significar a redenção da sociedade; um emblema da perfeição, do equilíbrio e da eternidade. A **CIDADE PERFEITA** deveria ser circular; forma de bases cósmica e metafísica que simbolizava, por analogia, a esfera da criação divina, sem começo nem fim.

➔ Em seu tratado de 1460, **FILARETE (1400-69),** por exemplo, propôs a cidade ideal de *Sforzinda.* A cidade circular tornou-se uma exemplificação das leis da natureza, frente à cidade medieval, então considerada não-natural e "decadente".

Modelo ideal dos arquitetos renascentistas – tanto em propostas urbanas como em edifícios –, o círculo apareceu em todos os projetos utópicos de cidades, inclusive no de *Palmanova* (1593), criada por **VINCENZO SCAMOZZI (1552-1616)** e considerada a primeira cidade ideal a ser levada à prática (ROSENAU, 1988).

PALMANOVA

Com a Reforma na Alemanha e o fato de várias Repúblicas do norte da Itália usufruírem da liberdade, idéias igualitárias acabaram se espalhando e vários textos utópicos passaram a ser publicados no decorrer século XVI, tais como *I mondi i gli inferni* (1552), de **Anton F. Doni (1513-74)**; e *La città felice* (1553), de **Francesco Patrizi (1529-97).**

➔ A utopia urbana do espanhol **TOMMASO CAMPANELLA (1568-1639)**, expressa em *Civitas solis: La Città del Sole* (1602), reorganizava as idéias de Platão e Morus; e propunha uma cidade utópica baseada em um racionalismo que excluía a idéia de progresso, congelando o nível de vida e a satisfação pessoal envolvida pelo trabalho e pela religião.

Como católico, Campanella almejava uma República universal inspirada na Igreja; e, como platônico, pensava que o homem pudesse descobrir em seu interior as idéias divinas, postas como revelação natural. Isto o fez propor uma cidade universal dirigida por sacerdotes, onde os cidadãos viveriam em total comunidade de bens e de mulheres com o fim de evitar o instinto de aquisição do alheio.

➔ Em sua proposta, a coesão social aparecia simbolizada pela indiferenciação do lugar em que cada um viveria. Havia a separação entre os locais de trabalho e moradia; e um plano reticulado permitiria que todos "se dirigissem ao seu objetivo sem ter de se desviar".

Sua composição espacial baseava-se em vários anéis de muralhas defensivas, entre as quais se situavam os templos luxuosos do Governo. De praças quadradas ou circulares, irradiavam-se avenidas largas e retas, cuja simetria e variedade – ou mesmo o calçamento em pedra ou mármore – não somente ordenavam a cidade, mas eram também signos visíveis da ordem racional à qual esta estava sendo subordinada.

Além de grande inovador nas ciências de seu tempo, o inglês **FRANCIS BACON (1561-1626)** redigiu outra importante utopia seiscentista: *New Atlantis* (*Nova Atlântida*, 1627), na qual apresentava uma sociedade regida pelos cientistas, que se dedicavam ao acúmulo de conhecimento sobre a natureza.

➔ Na obra, a *Nova Atlântida*, visitada casualmente pelo narrador em uma viagem, era a ilha imaginária de *Bensalem*, situada mais além da América e governada por um rei, onde se mantinham as classes sociais e a propriedade privada.

Em *Bensalem*, funcionaria uma instituição poderosa, a *Casa de Salomão*, formada por cientistas, a verdadeira elite do país. Ali, os homens voariam como pássaros, teriam barcos que navegariam abaixo das águas e possuiriam estranhos relógios. Conhecer-se-ia alguns dos segredos do movimento contínuo e todos seriam capazes de imitar os movimentos dos seres vivos graças a reproduções de homens, feras, pássaros, peixes e serpentes (CARANDELL, 1974).

Já a ilha de *Christianopolis*, lugar utópico a que imaginava chegar como náufrago o autor, o alemão **JOHANN VALENTIN ANDREÆ (1586-1642)** era uma República de trabalhadores cristãos que viveriam em igualdade, desejando a paz e renunciando às riquezas.

➔ Sua cidade, caracterizada em *Reipublicæ Christianopolitanæ descriptio* (1619), estaria dividida em zonas para as indústrias leve e pesada; e os trabalhadores aspirariam conscientemente em aplicar a ciência na produção, com o que lograriam um tipo de sistema muito eficiente, sem estarem obrigados a realizar alguma atividade produtiva.

Sistematizando as idéias de Morus e Bacon, Andreæ dizia que ser sábio e trabalhar não eram necessariamente incompatíveis, se houvesse moderação. E tal moderação somente seria possível em uma república comunista como a que propunha em sua obra, esta dirigida por representantes da religião, da justiça e da educação.

UTOPIA INSULAE (THOMAS MORUS)

No decorrer do século XVII, muitas outras obras utópicas foram escritas, destacando-se *The Commonwealth of Oceana* (*A República de Oceana*, 1656), do filósofo político **JAMES HARRINGTON (1611-77),** que, dirigida ao ditador inglês Oliver Cromwell (1599-1658), propunha que renunciasse ao poder e instaurasse uma República livre, na qual a propriedade não seria nem dos indivíduos nem do Estado, mas das classes ou estratos sociais; e onde o poder seria também exercido indiretamente pelos grupos em um parlamento.

➔ Já *Paradise lost* (*Paraíso perdido*, 1667), do britânico **JOHN MILTON (1608-74),** pode ser considerada uma utopia religiosa situada no passado, mas que se colocava como proposta para uma revolução espiritual de toda a sociedade (CASTELNOU, 2005).

Com o tempo, as **UTOPIAS URBANAS** passaram a falar de lugares diferentes, apontando para diversos ideais sociais, sistemas de valores, nostalgias e esperanças. No século XVIII, surgiriam aqueles que passariam a considerar que somente no campo seria possível viver verdadeiramente, cultivar sentimentos puros e desenvolver instintos nobres.

➔ Para eles, o espaço urbanizado desmoralizava, enquanto o campo preservava intactos os traços mais preciosos do homem. Considerando a civilização como um pesadelo, passaram a buscar asilo em regiões onde ela não havia ainda chegado.

Este lugar "maravilhoso" aparecia aos homens sob inúmeras formas, tendo sido buscado além do nosso planeta ou nos cantos mais longínquos, na imaginação e na realidade, em lugares mal definidos ou em regiões bem conhecidas: a conquista de um novo mundo era, ao mesmo tempo, o abandono do velho, através de uma espécie de fuga utópica em direção daquilo que era "natural"; ou ainda, "selvagem"; intensificando-se no século XVIII.

Ao mesmo tempo em que as nações européias consolidavam-se e nasciam as capitais como os grandes lugares da administração, o crescimento das massas assalariadas, assim como a ampliação do mercado com as colônias e a invenção das máquinas que substituiriam os meios de produção individuais, levou a modificações radicais nas cidades.

➔ Com a industrialização e a conseqüente urbanização, surgiriam as primeiras grandes cidades européias, além da lógica construtiva das áreas periféricas que promoveu a afirmação de uma nova paisagem. No final do século XVIII, embora apenas 1,7% da população mundial fosse urbana e apenas 20 cidades possuíssem mais de 100.000 pessoas, Londres já atingia 900.000 habitantes, Paris 600.000, São Petersburgo 200.000 e Berlim 150.000.

7

CIDADE COLONIAL

Entre os séculos XV e XVI, tiveram início a **ERA DAS NAVEGAÇÕES** e a conseqüente expansão mundial da civilização européia, impulsionada pelo mercantilismo e pela posterior descoberta de metais preciosos nas colônias além-mar. Portugal, Espanha, Inglaterra, França e Holanda tornaram-se grandes potências marítimas e partiram para o domínio do **NOVO MUNDO**.

➔ As realizações urbanísticas e de construção nos territórios coloniais, em seu conjunto, constituíram em importantes experiências, assim como nas oportunidades de aplicação na prática dos pressupostos ideais elaborados nas metrópoles.

ERA DAS NAVEGAÇÕES

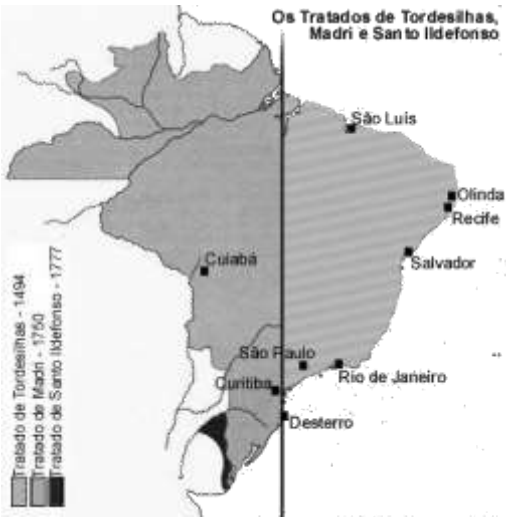
Os pontos de partida dessa aventura oceânica foram ricas cidades portuárias européias – *Antuérpia*, que substituiu *Bruges* como empório marítimo da Europa central; *Lisboa* e *Sevilha*, os portos atlânticos da península ibérica; e *Gênova* que, depois da aliança com Carlos V, tornou-se a base mediterrânica mais importante do império espanhol.

➔ As **CIDADES COLONIAIS** constituíram-se nas realizações urbanísticas mais importantes do século XVI, já que demonstraram serem – embora pobres se comparadas aos requintes e ambições da cultura artística européia –, as concretizações dos ideais estéticos almejados pelos mestres europeus da Renascença (BENEVOLO, 1981).

COLONIZAÇÃO ESPANHOLA

Foram Portugal e Espanha que antecederam as demais nações na exploração colonial. Em 1494, o papa Alexandre VI (1431-1503) estabeleceu a linha demarcatória entre as zonas reservadas à colonização de ambos países: o meridiano a 270 léguas para além das ilhas de Açores (***Tratado de Tordesilhas***).

➔ Os portugueses encontraram em seu hemisfério territórios pobres e inóspitos, sobretudo na África Meridional; ou Estados populosos e resistentes no Oriente, os quais não podiam ser efetivamente conquistados. Por isso, fundaram somente bases navais para controle do comércio marítimo – tais como *Goa*, *Damão*, *Málaga*, *Salvador* e *Rio de Janeiro* –, sem empreenderem uma colonização em grande escala.



Já os espanhóis encontraram em sua zona territórios mais adequados, estes constituídos pelos planaltos da América Central e Meridional, com impérios indígenas mais ricos e desenvolvidos, porém incapazes de resistir à colonização européia.

Embora Cortez no México e Pizarro no Peru tenham ocupado algumas grandes cidades indígenas – respectivamente, *Tenochtitlán*, capital do império asteca e que atualmente conforma a *Cidade do México*; e *Cuzco* –, transformando-as segundo as necessidades dos colonos espanhóis, a maioria dos conjuntos urbanos esparsos no interior do continente foram totalmente destruídos; e sua população obrigada a se estabelecer em novas cidades mais compactas.

As cidades coloniais espanholas deveriam seguir a *Leys Generales de las Índias*, codificadas por Filipe II (1527-98) em 1573 e válidas até 1668, que constituíram na primeira legislação urbanística da Idade Moderna, baseada tanto na tradição medieval (as novas cidades fundadas entre os séculos XIII e XIV: as *bastides* francesas e as *poblaciones* espanholas) como na tratadística renascentista.

> ➔ Aspirando o ideal da regularidade geométrica, expresso por um tabuleiro de ruas retilíneas que definiam uma série de quarteirões iguais, geralmente quadrados, tal modelo (*traza*) apresentava a facilidade de implantação e o atendimento às exigências primárias de produção.

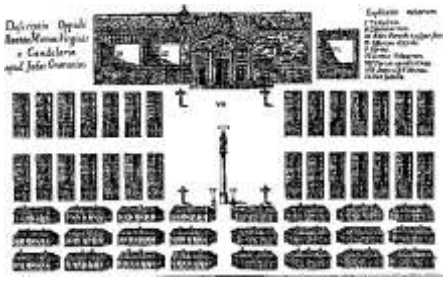
Eram estas as principais designações normativas para a fundação das novas cidades espanholas na América:

a) Estabelecimento de uma retícula regular de quarteirões iguais, em cujo centro deveria se dispor uma grande praça aberta (*plaza mayor*), central e de forma oblonga, com o comprimento igual a uma vez e meia a sua largura (*festividades*);
b) O tamanho da praça deveria ser proporcional ao número de habitantes, sem esquecer seu possível crescimento (estimava-se de 200 a 500 pés de largura por 300 a 800 pés de comprimento, sendo o tamanho ideal igual a 400 x 600 pés);
c) A praça seria acessada por quatro ruas, voltadas aos quatro pontos cardeais e cada uma disposta a partir do ponto médio de cada lado, além de duas de cada um dos ângulos, que deveriam desembocar sem serem obstruídas pelos pórticos da praça. Sua largura seria definida conforme o clima (se quente, larga; se frio, estreita);
d) Na praça deveriam ser dispostos os edifícios mais importantes: a igreja, o paço municipal (*cabildo*) e as casas dos mercadores e dos colonos mais ricos. No caso da necessidade de conversão dos nativos ao cristianismo, a igreja deveria ser antecedida por um grande pátio (*adro*) e ao lado da fachada estabelecida uma capela aberta (*capilla de indios*);
e) Reservados os principais lotes edificáveis ao redor da praça central, os demais seriam distribuídos ao acaso para aqueles colonos com condições de ali se estabelecerem. Já os lotes não-atribuídos seriam destinados a futuros colonos.

PLANO DE POBLACIÓN

Como exemplos da aplicação da retícula espanhola, podem ser citadas as cidades coloniais de *Guadalajara* e *Cholula* (México); *Quito* (Equador), *Santiago* (Chile), *Buenos Aires (*Argentina) e *Santiago de Leon*, hoje *Caracas* (Venezuela), entre outras.

Enquanto o traçado das ruas e praças da **CIDADE COLONIAL ESPANHOLA** era grandioso, as suas edificações eram baixas e modestas. Com capacidade de expansão ilimitada, seu contorno externo era quase sempre provisório, sem a necessidade de muros ou fossos (somente as cidades costeiras seriam fortificadas para proteção de piratas), além de não haver uma distinção muito clara entre campo e cidade.



As **MISSÕES JESUÍTICAS** construídas no século XVI para a catequese indígena constituíram-se em modestos núcleos urbanos assentados em planos regulares compostos por casas, igreja e colégio.

> ➔ Por pertencerem a uma congregação relativamente recente – a *Companhia* ou *Sociedade de Jesus*, fundada em 1534, quando **Inácio de Loyola (1491-1556)** e seis companheiros egressos da Universidade de Paris fizeram voto de pobreza e de irem pregar o Evangelho –, os padres jesuítas exerceram uma intensa atividade de irradiação cristã, em pleno espírito da *Contra-Reforma.*

COLONIZAÇÃO PORTUGUESA

Em relação ao Brasil, a ausência de riquezas minerais aparentes levou os primeiros ocupantes a optarem por uma colonização de baixo investimento, voltada exclusivamente à exploração de suas riquezas naturais mais evidentes.

➔ Inicialmente foram construídos muitos fortes e fortificações no litoral para protegerem o território português das incursões de espanhóis, franceses e holandeses. Estas obras eram realizadas por engenheiros militares, caracterizando-se por serem recintos amuralhados (*cantaria de pedra*) com traçados geométricos de bases medievo-renascentistas.

Limitando-se ao extrativismo, não se estabeleceram cidades propriamente ditas, mas apenas feitorias e entrepostos de extração. Somente em meados do século XVI que aparecem as primeiras vilas litorâneas, que acabaram impulsionadas pelo ciclo da cana-de-açúcar do século seguinte, enquanto que no sertão índios e mestiços cuidavam do gado necessário à indústria açucareira da zona fértil das matas litorâneas (MARX, 1980).

Ao longo do século XVI fundaram-se na Colônia apenas 18 vilas, sendo as primeiras: *S. Vicente* e *Itanhaém* SP (1532); *Espírito Santo*, depois *N. S. da Vitória* ES (1535); *Iguarussu* e *Marin d'Olinda* PE (1535). Na Bahia, criaram-se: *Porto Seguro* (1535), *S. Jorge dos Ilhéus e Santa Cruz*, hoje *Cabrália* (1536), sendo a capital, *S. Salvador da Bahia de Todos Santos*, fundada em 1549. Mais ao sul apareceram as vilas de *Santos* (1543), *Paranaguá* (1560), *S. Sebastião do Rio de Janeiro* (1565) e *Niterói* (1573). Algumas cidades desenvolveram-se a partir de assentamentos dos colégios jesuítas, como foi o caso de *S. Paulo de Piratininga* (1554) e outras nos arredores de fortificações, como *Natal* (1598) (FERRARI, 1991).

De acordo com REIS FILHO (1968; 2004), a colonização portuguesa limitou-se ao litoral, dada a sua preocupação em encontrar pontos estratégicos de defesa territorial. Terminado o breve *Ciclo do Pau-Brasil*, foi o açúcar que impulsionou o desenvolvimento das vilas litorâneas, cuja sociedade era pobre, escravagista e de fixação rural. No interior, predominavam as áreas agrícolas e de criação de gado.

➔ Quando se iniciou a colonização do Brasil, Portugal, liderado por D. Manuel I (1495-1521), era uma nação mercantilista e de regime econômico semi-feudal, representado por uma aristocracia patrimonial e uma monarquia absoluta aliada aos mercadores, na maioria, estrangeiros. De 1580 a 1640, pertenceu aos domínios da Espanha, submetendo-se aos reis Filipe II, III e IV, a partir de quando reassumiu sua soberania com D. João IV (1604-56).

No século XVII, a fundação de cidades ganhou maior impulso, iniciando-se o período com 38 núcleos e terminando com cerca de 60. De modo distinto que o espanhol, as **CIDADES COLONIAIS PORTUGUESAS** caracterizavam-se por:

a) Localizarem-se em sítios elevados e apresentarem um traçado irregular de inspiração tardo-renascentista, que se desenvolvia funcional e organicamente em relação aos acidentes topográficos, sem seguir leis de ordenação territorial;
b) Terem um esquema urbano uniforme baseado em lotes retangulares, com cerca de 10 m de frente e longo comprimento (30-50 m), cujas vias (sem calçada ou passeio para pedestres) eram definidas espacialmente pelas edificações;
c) Exporem uma aparência compacta e homogênea de fachadas com casas e sobrados construídos sobre o alinhamento das vias públicas, e os limites laterais do terreno, seguindo a tradição portuguesa;
d) Seguirem um partido uniforme nas construções, padronizado pelas *Cartas Régias* e/ou posturas municipais, onde se previa o alinhamento com edificações vizinhas, a altura dos pavimentos e as dimensões e o número de aberturas;
e) Manterem as igrejas dispostas geralmente em pontos elevados, para destaque e observação dos visitantes. Em regiões planas, ficavam no centro, próximas à *Casa de Câmara e Cadeia* e em frente a uma praça (*adro*) não monumental.

No norte e nordeste, as cidades brasileiras nasceram espontaneamente de fortificações à beira-mar (*Natal*, *Fortaleza* e *Belém*) ou por iniciativa militar (*Salvador*, *Manaus* e *Santarém*); ou ainda de currais e feiras periódicas no sertão. As exceções ficam por conta de *São Luís* (1612) e *Recife* (1645), respectivamente, de influências francesa e holandesa. Quanto ao sudeste, foi o caminho para as minas, a partir do século XVIII, que trouxe o desenvolvimento (FERRARI, 1991).

➔ Com a *Missão Demarcatória* enviada por D. João V (1689-1750), intensificou-se a ocupação da região sul, acompanhada pela ação dos jesuítas e da descoberta de ouro (*Paranaguá* e *Curitiba*). Assim, descenderam de *reduções* jesuíticas as cidades paulistas de *Embu*, *São Miguel* e *Sant'Ana do Paranaíba.*

A partir do século XVII, iniciou-se o processo de interiorização no país, por meio do *sertanismo de contrato*, que consistia no deslocamento territorial segundo o interesse dos produtores de açúcar e criadores de gado, ou ainda pelo incentivo português à pesquisa mineral.

➔ Denominavam-se **BANDEIRAS** as buscas de escravos indígenas organizadas pelos proprietários de terra e que provocaram vários conflitos com a frente pioneira hispano-jesuítica. Elas foram causadas pelo encarecimento da importação de escravos; a ocupação dos portos negreiros africanos pelos holandeses e o estímulo mercantil para a exportação de escravos indígenas para o Nordeste e o Rio.

No **PERÍODO BANDEIRISTA**, que se estendeu até o século XVIII, muitas cidades brasileiras nasceram do pouso de tropeiros, os quais conduziam cabeças de gado, assim como das encruzilhadas e postos de passagem para as áreas de mineração, como por exemplo: *Pouso Alegre, Pouso Alto, Passa Três, Passa Quatro, Registro, Sorocaba, Mogi-Guaçu, Feira de Sant'Ana* e *Feira de Conquista.*

➔ Por volta de 1750, o *Ciclo do Ouro* promoveu o crescimento e o enriquecimento de arraiais e vilas mineiras ("vilas do ouro"), que se tornaram cidades dotadas de benfeitorias e de uma arquitetura original e mais requintada.

Especialmente em Minas Gerais, o **Barroco** passou a se constituir em um meio de expressão, através do qual se refletia todo um processo social em trânsito em direção à liberdade.

➔ Entre as vilas que evoluíram graças à mineração, destacaram-se: *Mariana* e Sabará, além da capital *Vila Rica de N. S. do Pilar de Ouro Preto*, todas fundadas em 1711. A seguir vieram *São João Del Rei* e *Serro*, criadas em 1714, e, mais tarde *Tijuco*, depois *Diamantina*, que marcou a passagem do ciclo exclusivo da mineração aurífera para a mineração de diamantes. Outros destaques foram *Congonhas* e *São José Del Rey*, hoje *Tiradentes.*

Os edifícios públicos do período colonial eram projetados no Reino, constituindo-se de alfândegas, entrepostos fiscais, registros, casas de câmara e cadeia, arsenais e fortificações, os quais serviam por várias gerações, sendo às vezes reformados, mas dificilmente acrescidos em área. Somente com a *Independência* (1822), houve a criação de novos quadros administrativos públicos e, assim, alterações na arquitetura oficial.

➔ Conforme MACHADO (2003), as cidades da zona do ouro reinterpretaram os princípios barrocos impostos pela própria natureza, incrustando-se nas montanhas e delas tirando sua própria fisionomia, sendo inclusive os largos e os adros das igrejas em declive. A rampa e a curva dominam quase toda a organização urbanística, onde predominam as ladeiras e as voltas no morro.

Entre as principais características da **CIDADE BARROCA BRASILEIRA**, LEMOS (1979) sublinha o fato desta:

a) Manter o traçado espontâneo e irregular adaptado aos terrenos acidentados da região mineira, resultando em ruas estreitas e tortuosas, com grande número de curvas, becos e ladeiras íngremes;
b) Mostrar uma paisagem homogênea marcada pelo alinhamento do casario, de gabarito constante, com destaque das edificações religiosas e de controle reinol;
c) Apresentar, exceto por alguns chafarizes, as obras públicas sem as mesmas intenções plásticas que as igrejas barrocas, uma vez que partiam da iniciativa portuguesa, resultando mais na importação de modelos europeus.

SALVADOR

Localizada na baía de *Todos os Santos*, a primeira capital do Brasil foi fundada em 1549 por Tomé de Souza, cujo plano de realização era informal e de regularidade relativa, à maneira medieval, embora demonstrasse cuidados com a defesa, tanto na escolha do local, no alto de uma colina, como pela presença de muralhas.

➔ No primeiro século de existência, sua economia girou em torno da exportação do açúcar, garantindo o crescimento do seu porto e sua divisão em duas partes: a *Cidade Baixa* que concentra as atividades portuária e comercial, além do *Mercado Modelo* e a feira de *São Sebastião*; e a *Cidade Alta* que está constituída sobretudo por bairros residenciais, além dos órgãos administrativos e comércio varejista.

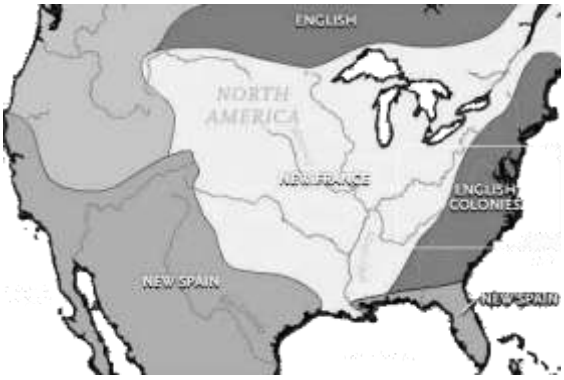
Com o desenvolvimento da cultura do fumo na região periférica à baía e a criação de gado no sertão, além da sua importância política, a cidade expandiu-se, fazendo seus muros serem estendidos para abrigarem o colégio dos jesuítas e o convento franciscano, com seus bairros circunvizinhos. No século XVII, recebeu a construção de vários palácios, solares, igrejas e conventos. Tal crescimento desacelerou-se com a transferência da capital para o Rio de Janeiro, em 1763, retomado no final do século XVIII com a exportação de ouro e diamantes provenientes da chapada Diamantina.

O centro de Salvador (*Largo do Pelourinho*) prolonga-se pela *Baixa do Sapateiro*, zona de comércio popular e de moradia da população mais pobre (*cortiços*). A partir da industrialização, que vem ocorrendo desde os anos 60, sua expansão urbana aconteceu de maneira desordenada, formando-se favelas na faixa litorânea interna à baía, incluindo *Alagados*, a maior favela de palafitas do país. As primeiras ações de resguarda do Pelourinho datam de 1967, com a criação de uma fundação para este fim. Porém, foi a partir de 1992 que se efetiva o projeto de sua recuperação, com o restauro de mais de 350 unidades.

COLONIZAÇÃO BRITÂNICA

O modelo urbano em tabuleiro, idealizado pelos espanhóis no século XVI para traçar as novas cidades da América Central e Meridional, foi também aplicado extensivamente pelos ingleses, assim como pelos franceses e holandeses, entre os séculos XVII e XVIII para a colonização da América Setentrional.

➔ Vários técnicos de terceira ordem, emigrados para o *Novo Mundo*, conseguiram realizar o que não era possível de ser feito na Europa da época: reorganizar o ambiente construído com os novos princípios da simetria e da regularidade geométrica, que garantiam a afirmação da cultura européia em todo o mundo.



O território norte-americano também foi encontrado sem cidades, como no caso do Brasil, contudo, os colonizadores que desembarcaram com o *May Flower*[1], mais de um século após o início da colonização das terras brasileiras, não permaneceram no litoral, embrenhando-se para o oeste no propósito de colonizar e permanecer na sua nova pátria.

➔Entretanto, a eficiência e a rapidez da urbanização e colonização americanas sobre a brasileira não advêm da superioridade anglo-saxônica em relação à portuguesa (conceito equivocado e racista), mas por razões bastante evidentes.

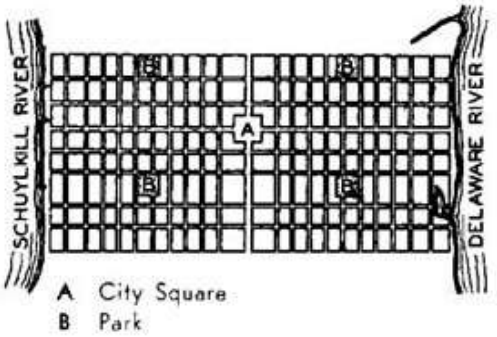
[1] *May Flower* era o nome do navio que partiu de Southampton, na Inglaterra, em 16 de setembro de 1620, com 102 emigrantes, dentre os quais 41 "peregrinos" ou puritanos ingleses que fundaram *Plymouth*, na Nova Inglaterra (*New England*), em 26 de dezembro.

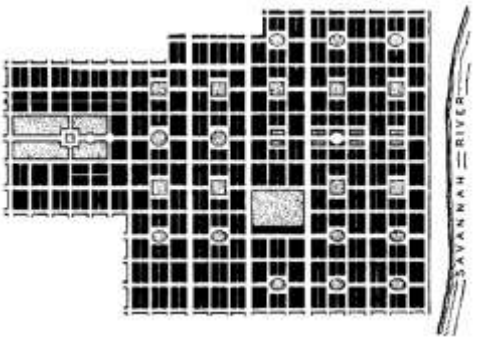
Segundo FERRARI (1991), os principais fatores do contraste de colonização entre o Brasil e os EUA foram os seguintes:

- ***Fator orográfico:*** enquanto, no Brasil, as serras do Mar, Geral e Serra da Mantiqueira (*Maciço Atlântico*) representam fortes obstáculos naturais tanto à penetração como à implantação de estradas de ferro e rodovias, a costa norte-americana , em uma extensão de 300 km, é formada por uma planície. As cadeias dos Alleghenies e dos Apalaches são facilmente contornáveis, seguidas por novas planícies e finalmente pelas Montanhas Rochosas, já no Pacífico;
- ***Fator hidrográfico:*** enquanto os EUA possuem a melhor rede hidrográfica do mundo em relação a navegação fluvial, o que pode ser exemplificado pelo Mississipi; o Brasil, principalmente na zona temperada, tem poucos rios grandes navegáveis, na maioria, com cursos irregulares e cheios de cachoeiras. Embora o Amazonas seja o maior rio do mundo, situa-se em terras equatoriais, de densas florestas e de difícil aproveitamento econômico;
- ***Fator climático:*** a diversidade do clima norte-americano contribuiu para a formação de uma agricultura diversificada, assim como o frio intenso promoveu o desenvolvimento de uma indústria para combatê-lo (tecidos, roupas, aquecedores). Já no Brasil, o clima tropical que, no primeiro momento, parecia ser uma vantagem, conduziu à monocultura canavieira e inadaptabilidade dos europeus;
- ***Fator econômico:*** as terras norte-americanas eram ricas em petróleo e carvão de melhor qualidade que o brasileiro, o que significou um maior incentivo colonial. Além do uso desses recursos naturais, a acumulação de renda foi garantida pela agricultura de exportação, cujos execedentes permaneciam no país e eram distribuídos igualitariamente à população. O Brasil limitou-se a ser uma colônia de exploração (extrativismo e matéria-prima);
- ***Fator psicológico:*** enquanto os colonos ingleses vieram com as famílias e o propósito de lançar raízes em, sua nova pátria em virtude das perseguições religiosas na Europa (*Reforma* e *Contra-Reforma*), os portugueses vieram sozinhos para cumprirem penas ou se enriquecerem e retornarem a sua pátria;
- ***Fator religioso:*** enquanto a maioria dos colonos dos EUA era calvinista e como tal intransigente com os vícios (jogo, bebida, etc.), mas polarizado pela idéia fixa de acumular riqueza e poder, os colonos lusos eram todos católicos, contrários à usura (*turpe lucrum*) e, conseqüentemente, ao crédito e ao financiamento.

A efetiva colonização do território americano – cujo descobrimento deu-se em 12 de outubro de 1492, por Cristóvão Colombo – iniciou-se com a implantação de colônias espanholas (*pueblos*) na *Flórida* (*St. Augustine*, 1565), *Novo México* (*Santa Fé*, 1609) e *Texas* (*San Antonio*, 1718). O primeiro assentamento francês foi em *Quebec* (1608), seguido por *Detroit* (1701), *Mobile* (1711), *New Orleans* (1722), *Fort Duquesne* (*Pittsburgh*, 1724) e *St. Louis* (1762), enquanto que o holandês deu-se na foz do Hudson, Ilha de Manhattan (1620).

➔ Porém, foi o controle britânico que acabou predominando, graças às cidades coloniais fundadas na *Virgínia* (1607), na *Nova Inglaterra* (1620) e na *Pensilvânia* (1681). ***Boston*** passou a ser a sede do governo de Massachusetts em 1630, substituíndo *Charlestown* (1629) pela boa qualidade de suas fontes d'água.



Filadélfia foi fundada em 1682, na confluência dos rios Delawre e Schuylkill, por William Penn (1644-1718), em um local antes habitado por imigrantes suecos. De traçado uniforme e retilíneo, com ruas cruzando-se em ângulo reto, possui uma grande praça central, na qual atravessam ortogonalmente duas grandes avenidas. O plano já apresentava preocupações de hierarquização de vias e de zoneamento, com lotes de tamanhos distintos.

➔ ***Savannah***, fundada em 1733, apresenta um traçado ortogonal em grelha que, embora uniforme, demonstrava um princípio de diferenciação de vias (principais e secundárias), além da previsão de jardins residenciais e três parques.